

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

André Oliveira

O Zumbi Como Personagem Midiático:
Desdobramentos Políticos

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

SÃO PAULO

2012

André Oliveira

O Zumbi Como Personagem Midiático:
Desdobramentos Políticos

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica sob a orientação da Prof. Dra. Christine Greiner.

SÃO PAULO
2012

Banca Examinadora:

AGRADECIMENTOS

E UMA BREVE TRAJETÓRIA DOS PRIMEIROS PASSOS DA PESQUISA

Eu lembro exatamente quando me tornei fascinado pelos zumbis.

Foi durante a minha infância quando meu primo Ricardo me apresentou o zumbi pela primeira vez. Naquela noite, quando assisti ao primeiro filme de zumbi achei tudo fascinante mas, de madrugada, quando todos estavam dormindo, comecei a chorar. Eu tive sonhos horríveis e, naquele momento, realmente achei que seria devorado por um zumbi. Enquanto eu chorava e acordava toda a casa, minha tia queria matar a mim e a meu primo por ter me apresentado o monstro pela primeira vez. Mas era irreversível. A partir daquele momento fui tomado pelos zumbis e, a partir de então, minhas viagens para Poços de Caldas MG (onde vive toda a minha família) transformaram-se em tardes e noites apocalípticas com filmes de zumbis e monstros de todos os gêneros.

Muitos anos se passaram mas, para mim, o zumbi sempre foi sinônimo de prazer e tardes perdidas em Guaxupé (MG) com meus amigos assistindo filmes e imaginando o que aconteceria se hordas de zumbis se levantassem de suas tumbas atrás de nós.

O meu interesse pelo tema cresceu ainda mais com o filme de Tim Burton *Os Fantastas se Divertem* (1988) e o personagem de Michael Keaton (Beetlejuice), um “bio-exorcista” que não era propriamente um zumbi, mas aguçava minha curiosidade pelo lado fúnebre do cinema de Hollywood.

Mais tarde, quando me mudei para São Paulo, já como estudante do curso de Comunicação das Artes do Corpo, fui entrando em contato com muitas teorias que começaram a apontar um possível foco de pesquisa pautado pela relação entre arte e morte. Aqui começa uma longa lista de agradecimentos. Gostaria de começar pelos colegas Marina Carvalho, Peterson Costa, Paulo Leite (vulgo Bigode), Lisane Albertine e muitos outros que mergulharam em questões parecidas ou completamente diferentes e que se desdobraram em longas discussões em sala de aula.

Além dos papos com os colegas, lembro quando em uma aula, Christine Greiner, hoje minha orientadora nessa pesquisa, comentou o seu interesse em ter um aluno que tivesse vontade de pesquisar sobre os mortos-vivos em uma pesquisa de mestrado. Foi a partir desse momento que minhas inquietações sobre os zumbis começaram a “tomar corpo”,

buscando uma teoria que ajudasse a contextualizar uma discussão mais consistente. Deixei essas vontades e intuições adormecerem por um tempo, optando por morar em Nova Iorque, onde mais uma vez os zumbis apareceram em minha vida, uma vez que a bibliografia disponível em inglês era bastante rica. Nesta ocasião, a troca de e-mails com minha orientadora foi muito importante. Agradeço também as conversas com os artistas da companhia latino-americana LaMicro Theater de Nova Iorque; e a Pietro Gonzales, Berioska Ipinza e Sonia Portugal, que foram muito importantes no desenvolvimento das minhas pesquisas como artista. Com muito carinho agradeço também a Pietro que me questionava o tempo todo dizendo “Zombies? What is this man?”.

Já no programa de Comunicação e Semiótica tenho muito a agradecer a Cida Bueno que cuida de todos nós alunos como filhos, aos professores Amálio Pinheiro, José Luiz Aidar, Helena Katz e Jorge Vieira que, com muita dedicação, ajudaram na construção de textos e no desenvolvimento de ideias. Ao professor e amigo Lucio Agra agradeço pelas conversas e múltiplas referências sugeridas. Agradeço também a Luiza Rosa - minha jornalista preferida “quando eu precisei de uma jornalista” – e aos amigos Bruno Freire, Luísa Barreto, Vanessa Lopes, Liliane Luz entre outros que passaram por todo o processo. Agradecimento especial para Marco Souza por ter aceitado o convite para participar da minha qualificação junto à professora Helena Katz que me ajudaram a alcançar o objetivo aqui proposto.

E, para finalizar, quero ainda agradecer minha mãe Maria Helena de Oliveira por todo o tempo disponível (e indisponível) sempre ao meu lado. A Cuca Dias, minha namorada que sempre me apoiou na construção dos meus sonhos. Há também outros amigos e familiares fundamentais. Meu primo Giovanni Marcaccine tornou-se um verdadeiro “estudo de caso” ao tratar dos zumbis no videogame. Meu amigo Guilherme Minoru aceitou voltar comigo ao passado e juntos jogamos Resident Evil 5 e concluímos o jogo em “apenas” oito horas. Meu amigo/irmão Marquinho foi peça fundamental na minha trajetória de busca por zumbis - quando jovens jogávamos Resident Evil 1 e 2 e incansavelmente queríamos terminar o jogo com os melhores tempos possíveis. Marcos Frias dividiu suas inquietações comigo e, mesmo cansadíssimo, sempre encontrou tempo para mais um filminho de zumbi. E, finalmente, a inestimável e inigualável amiga Beatriz Saraiva que dedicou muitas e muitas horas para minha pesquisa me ajudando com as imagens dos zumbis, que de uma hora para outra invadiram também a sua vida. Ao final da maratona, posso garantir que Bia é uma das pessoas mais bem preparadas contra o cenário apocalíptico de zumbis.

À CAPES, pela concessão da Bolsa de Estudos.

RESUMO

O personagem zumbi faz parte da imaginação humana há muitos séculos, no entanto, nos últimos vinte anos tem constituído a chamada “cultura zumbi” que ocupa diferentes ambientes midiáticos como a mídia impressa, audiovisual e uma pluralidade de manifestações urbanas (festivais, festas, performances etc). O objetivo desta dissertação é identificar como as novas versões dos zumbis constituem, mais do que mero entretenimento, uma metáfora política, representando a desqualificação da vida humana (vida nua) e o limiar entre a vida e a morte. O corpus da pesquisa reúne desde o filme pioneiro *Night Of The Living Dead* (1968), dirigido pelo cineasta George Romero, até experiências recentes (cinema, quadrinhos, fotografias, imagens de internet). A metodologia alia pesquisa bibliográfica e análise de imagens selecionadas em diversas mídias. Integram o contexto teórico, os estudos políticos do gênero ficcional baseado no cinema de terror ou *body horror* propostos por Benjamin Noys (2005) e a análise dos chamados Mortos-Vivos de Auschwitz, conhecidos como “*Muselmann*”, e transformados em um dos importantes paradigmas da filosofia política contemporânea por Giorgio Agamben (2008). O estudo da implicação da vida natural do homem nos mecanismos e nos cálculos do poder será ainda abordado tendo como referência a área da comunicação, através da teoria *corpomídia* (KATZ & GREINER, 2005). O resultado esperado é a problematização de uma certa apatia, representada pelos zumbis, que caracteriza algumas dimensões fundamentais do comportamento social hoje, na vida e em seus diversos ambientes midiáticos.

Palavras-chave: zumbi, corpomídia, vida nua, filmes de horror.

ABSTRACT

Zombies have been part of people's imagination for many centuries. However, for the last twenty years, a "zombie culture" has been developed and it has been taking its place throughout different types of media, such as audiovisual and press. Moreover, this culture has also been present in people's celebrations and manifestations, for example: festivals, parties, performances, etc. The purpose of this dissertation is to identify how the new versions of zombies constitute not only a form of entertainment, but also a political metaphor, representing the disqualification of human life (bare life) and the fine line between life and death. This research comprises from the pioneer movie *Night Of The Living Dead* (1968), directed by filmmaker George Romero, to recent work related to films, comic books, photographs and images found online. The methodology brings together bibliographical research and the analysis of images which were selected from diverse media. The theoretical context is formed by the political studies of the fictional genre, which are based on *body horror*, proposed by Benjamin Noys (2005), and the analysis of Auschwitz Living Dead, known as "*Muselmann*" and transformed into one of the important paradigms of contemporary political philosophy by Giorgio Agamben (2008). The study of the way man's natural life influences power mechanisms will be carried in the field of communication throughout the *corpomidia* theory (KATZ & GREINER, 2005). The expected result is the questioning and discussion of the apathy that is brought by zombies, which characterizes some of the fundamental dimensions of current social behavior in society and in the media.

Keywords: zombie, corpomidia, bare life, horror movies.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

e uma breve trajetória dos primeiros passos da pesquisa 6

RESUMO 8

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO 1

o zumbi como personagem midiático 17

CAPÍTULO 2

desdobramentos políticos: por uma contextualização política do zumbi 98

CONCLUSÃO

como a pesquisa abre novos caminhos 110

BIBLIOGRAFIA

filmografia e páginas da internet 112

INTRODUÇÃO

At the global level, we can consider the logical possibility of a *zombie world*: a world physically identical to ours, but in which there are no conscious experiences at all. In such a world, everybody is a zombie. [A nível global, podemos considerar a possibilidade lógica de um mundo zumbi: um mundo fisicamente idêntico ao nosso, mas em que não há experiências conscientes de todos, em um mundo assim, todo mundo é um zumbi.] David J. Chalmers, “The Conscious Mind: In Search of a Fundamental Theory”.

“Não há mais volta” Diego Saad.

Existe uma pergunta que sempre aparece quando estou em bares, grupos de estudos, roda de amigos e familiares: “Zumbis existem?”.

Embora nem todo mundo saiba disso, o zumbi pode ser considerado um dos monstros com mais longevidade na história da comunicação, tendo sofrido inúmeras transformações até os dias de hoje. No cinema, pode-se dizer que foi com o “*White Zombie*” de 1932, que ele apareceu pela primeira vez. Muitos livros e artigos sobre zumbis já foram publicados nos últimos anos, no entanto, as abordagens variam muito, girando em torno de discussões estéticas, lúdicas, místicas, políticas e até mesmo como estudos de caso em Neurociência. Cientistas como V. Ramachandram e David Chalmers, tem avançado nas pesquisas sobre os mistérios da consciência, analisando pacientes que vivem como zumbis, em estados limiares entre a vida e a morte.

Embora este tema tenha me interessado muito, optei por outra abordagem, uma vez que no período de dois anos dos estudos do mestrado, não seria possível dar conta de explorar duas abordagens tão intensas para o estudo dos zumbis: a política e a neurociência.

Pelo fato de estar desenvolvendo a pesquisa em um programa de comunicação, optei por indagar porque tantas representações midiáticas desse personagem estão surgindo e como podem ser compreendidas como metáforas políticas de um certo modo de vida que está cada vez mais presente no cotidiano de várias cidades do mundo.

A hipótese principal é que o personagem zumbi transformou-se em uma “cultura zumbi”

e esta representa muito mais do que um mero entretenimento, chegando a representar, em algumas experiências, uma metáfora para a vida nua. Este tornou-se o foco principal dessa dissertação, ou seja, a relação explícita entre a cultura zumbi e a vida nua, da maneira como autores da filosofia política (e.g Giorgio Agamben, Benjamin Noys) tem definido o termo.

O termo vida nua ou zoé, foi formulado pelos gregos antigos e retomado por pensadores interessados na discussão política da vida. Ressurge de maneira significativa na obra de Michel Foucault, quando este repensa a definição de biopolítica, esclarecendo a distinção entre bios e zoé, como vida qualificada e vida nua. Para esta pesquisa, como será melhor explicado no capítulo dois, foquei mais especificamente nas discussões dos filósofos Giorgio Agamben e Benjamin Noys. Ambos partem das referências propostas por Foucault, mas repensam alguns aspectos e sugerem exemplos voltados explicitamente ao estado zumbi, que passa a ser identificado ora como morto-vivo (como nos filmes), ora como vivo-morto (como os indigentes das grandes cidades ou muçulmanos dos campos de concentração).

Assim, o fenômeno zumbi pode ser reconhecido de várias maneiras. Na bibliografia que o analisa como personagem midiático, o zumbi cada vez mais, atinge um status pop nas sociedades de consumo e vai se transformando mais e mais em um monstro não profanável em suas possíveis metáforas vinculadas à sua representação na comunicação. Os vampiros, que estão cada vez mais na moda, assim como os zumbis, sempre fizeram parte da inquietação humana, todavia o vampiro sempre foi visto como um monstro que nasce de crenças católicas. A palavra *vampir* que vem do húngaro e significa morto-vivo, construiu um monstro com todo seu charme, inteligência e sordidez. Ele conseguiu causar medo e sensação de impotência para aqueles que o viam como monstro. Se trouxermos a figura de Nosferatu ou *Drácula* de Bram Stoker para uma análise e observarmos o que podemos chamar de “novos vampiros” da franquia dos filmes *Crepúsculo* e séries de TV como *True Blood* e *Vampire Diaries* percebemos como esses produtos buscam uma versão mais moderna e sentimental. A fórmula parece infalível: basta pegar um personagem sobrenatural com um extenso currículo na indústria do entretenimento, adicionar um elenco jovem e pouco conhecido, misturar com uma história de amor impossível e incrementar com uma pitada de suspense.

Isso promove mudanças viscerais nos personagens. Hoje em dia o vampiro anda a luz

do sol, interage socialmente com outros e deixa gerações de jovens apaixonadas por sua figura imagética. Foi essa a transformação que o vampiro sofreu para ser o fenômeno que é hoje. Enquanto o vampiro transformou-se, pouco a pouco, no “monstro legal” o zumbi também se metamorfoseou para buscar um “lugar ao sol” ou melhor, no mercado pop.

Mas há sempre ambivalências. Os zumbis sempre fizeram parte do imaginário humano, reaparecendo cada vez mais na produção cinematográfica recente porque, de acordo com Benjamin Noys (2009), o ser humano tem se mostrado, cada vez mais, obcecado pela morte e pelo horror. Em um primeiro momento, transformou-se o sexo (de tabu à obsessão). O mesmo aconteceu com a morte e, nesse sentido, o personagem zumbi ganhou destaque, tornando-se uma metáfora muito potente para explicitar aquilo que não se queria ver, ou seja, a situação indigente daqueles cuja vida está por um fio, desqualificados social e politicamente.

As transformações sucessivas da sua imagem acabaram afastando o zumbi da sua etimologia, que tem como possível origem as crenças Afro-Caribenhas, na qual pessoas se dizem feiticeiras e se comportam de modo a ganhar a credibilidade dos habitantes de pequenas localidades com seus feitiços. De certa forma, eles estão aptos a possuir o controle sobre o outro.

Os “Mortos-Vivos” são, portanto, identificados em diferentes situações e contextos, muitas vezes relacionados a eventos sobrenaturais e ritualísticos. No Haiti ocorreu um caso que foi associado ao Vodou, crença espiritual do Caribe, mas tinha estreita relação com o fenômeno zumbi. A história gira em torno de um homem que apareceu em uma vila rural em 1980, alegando ser Clairvius Narcisse, falecido no hospital Albert Schweitzer, em Deschampelles - Haiti, no dia 2 de maio de 1962. Narcisse disse ter ficado consciente durante todo o tempo de sua “morte”, descrevendo inclusive a cena do médico que cobriu seu rosto com um lençol. Segundo ele, um feiticeiro o havia ressuscitado e feito dele um zumbi. Esta criatura, na crença espiritual do Vodou Afro-Caribenho, é um ser humano dado como morto que é desenterrado e reanimado por meios desconhecidos (realizado com o intuito maligno de servidão ao seu invocador) e permanece em estado catatônico, criando insegurança e medo nos vivos.

Pesquisando toda essa variedade de representações do zumbi, acabei optando por analisar o seu viés mais político. Busquei identificá-lo não apenas nos filmes, jogos, quadrinhos e

nas mais recentes performances urbanas, mas também na vida, onde o zumbi se explicita como parte integrante da sociedade, embora sempre na condição de excluído. Seja como zumbi da vida cotidiana ou como personagem midiático, o zumbi é sempre uma representação de um estado de corpo que midiaticiza uma certa coleção de informações (KATZ & GREINER, 2005). Quais são essas informações que o corpo do zumbi midiaticiza ao ser um estado de corpo o tempo todo em transformação?

Para responder essa pergunta, a dissertação está dividida em duas partes. A primeira apresenta uma colagem de imagens e textos, inspirada em um dos formatos mais tradicionais de expressão do zumbi: os quadrinhos. A intertextualidade proposta entre imagens de diferentes fontes e períodos, com os fragmentos de textos, busca apresentar a turbulência sógnica que caracteriza a cultura zumbi.

Na segunda parte, apresento a discussão sobre o zumbi como um *homo sacer*. Como mencionei anteriormente, a fundamentação teórica parte sobretudo da obra de Giorgio Agamben e seus principais paradigmas: o *homo sacer*, o estado de exceção, o muçulmano. Estes foram discutidos respectivamente nas obras: *Homo Sacer: o poder soberano e a Vida Nua*, *Estado de Exceção* e *O que resta de Auschwitz*. As exemplificações desse capítulo foram selecionadas a partir da obra pioneira de George Romero como os filmes *A Noite dos Mortos Vivos* (1968), *Madrugada dos Mortos* (1978) e *Dia dos Mortos* (1985).

Como fica claro desde o primeiro filme, os Mortos-Vivos representados na obra de Romero não possuem consciência, porém, ao longo de sua trilogia, questões de cunho cultural, religioso e biológico começam a ser abordadas. Em “*Despertar dos Mortos*”, a partir do momento que os zumbis invadem um shopping center, percebe-se com clareza a metáfora política que está envolvida na saga dos zumbis. Já no terceiro filme dessa trilogia, ambientado em uma base militar, mais uma vez aparece uma conotação política, na medida em que o abuso do poder militar fica claro e pesquisas desenvolvidas por cientistas buscam as formas mais atroz para reabilitar esses seres considerados Mortos-Vivos. No mais recente *Terra dos Mortos* (2005) evidencia-se a luta de classes e em *Diário dos Mortos* (2007) as informações sensacionalista são a base do enredo que coloca seus personagens em pânico o tempo todo.

No último filme, *A Ilha dos Mortos* (2009), a crítica social é um dos focos mais importantes. Duas famílias brigam entre si, um lado é favorável ao extermínio dos zumbis enquanto o outro prefere deixar seus amigos e familiares em quarentena esperando uma possível cura.

Todos esses exemplos mostram que, após Romero, o zumbi nunca foi tão exorcizado. Benjamin Noys (2005) afirma que, entre 1970 e 1980 (o momento mais *fashion* dos filmes

de zumbi) nunca se discutiu com tanto fervor a vida nua, que está relacionada ao conceito de “*Death Motion*” que será explicado no segundo capítulo.

O novo milênio está cercado por vírus letais e pesquisas com uso de animais para novas descobertas e todo tipo de invasão tecnológica. Todas essas experiências (verídicas e ou fictícias) levam à uma possível catástrofe. Todos esses temas aparecem na filmografia de Romero. Há uma contingência caótica sempre presente nos personagens e nas ambientações que sugere como, *a priori*, morte e vida tornaram-se “improfanáveis”.

Neste sentido, os zumbis deixam de ser mero entretenimento. Apontam para uma instância de terror que faz parte da política sobre a vida e por isso interessam a todos nós. É essa tessitura ambivalente que banaliza a morte (e ao mesmo tempo a valoriza) que alimenta a cultura zumbi, como será mostrado em seguida no primeiro capítulo.

CAPÍTULO 1

O ZUMBI COMO PERSONAGEM MÍDIÁTICO

Como a imagem do zumbi é, em vários sentidos, protagonista da cultura pop, este primeiro capítulo apresenta uma intertextualidade de imagens da aparição do zumbi em vários momentos e áreas diferentes da nossa cultura.

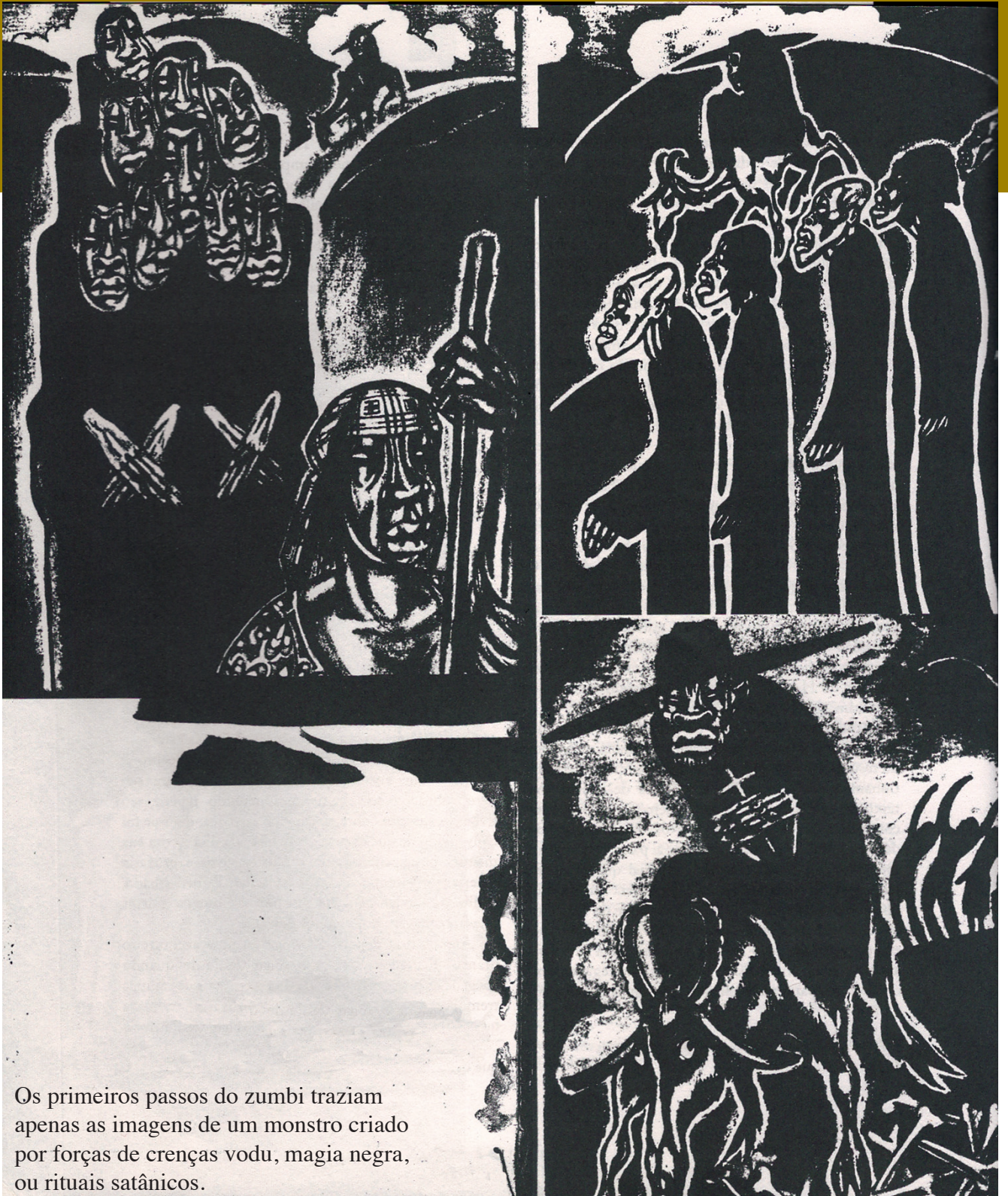
OS PRIMEIROS ZUMBIS

Willian Seabrook, *A Ilha da Magia*.

As ilustrações de Alexander King fazem parte do livro *A Ilha da Magia*.

Seabrook e King buscam por meio das imagens trazer o que possivelmente foi a primeira aparição do zumbi. *A Ilha da Magia* foi um fator importante na construção histórica do zumbi.





Os primeiros passos do zumbi traziam apenas as imagens de um monstro criado por forças de crenças vodu, magia negra, ou rituais satânicos.



Bela Lugosi, encarnou o que podemos dizer: “o primeiro mestre dos zumbis”.

WHITE ZOMBIE

Há também filmes que nasceram da obra literária *A Ilha da Magia* (1929) do escritor e aventureiro estadunidense William Seabrook. A recepção no cinema nunca foi bem vista. Nesta época, o zumbi sempre aparecia como um monstro pouco rentável, insignificante em termos econômicos.



Na imagem abaixo, Frederick Peters é transformado em zumbi por Lugosi para servir seu mestre.



A partir de 1968, aconteceu algo surpreendente. O zumbi elevou-se a um patamar nunca visto antes pelos seus antecessores. George Romero com um filme visionário, em preto e branco -- sem estilo definido mas com ângulos ousados e baixo orçamento -- cria um divisor de águas. Foi a partir de "A Noite dos Mortos Vivos" que o cinema trash ganhou força nos Estados Unidos. Com um orçamento de 115 mil, o filme foi um sucesso. Arrecadou, só nas bilheterias americanas, US\$20 milhões.



NIGHT OF THE LIVING DEAD

Repórter: Foi estabelecido que as pessoas que morreram recentemente foram retornando à vida e cometeram atos de assassinato. Uma investigação generalizada de casas funerárias, necrotérios e hospitais concluiu que os mortos insepultos foram retornando à vida e à busca de vítimas humanas. É difícil relatar isso para você, mas parece ser um fato.

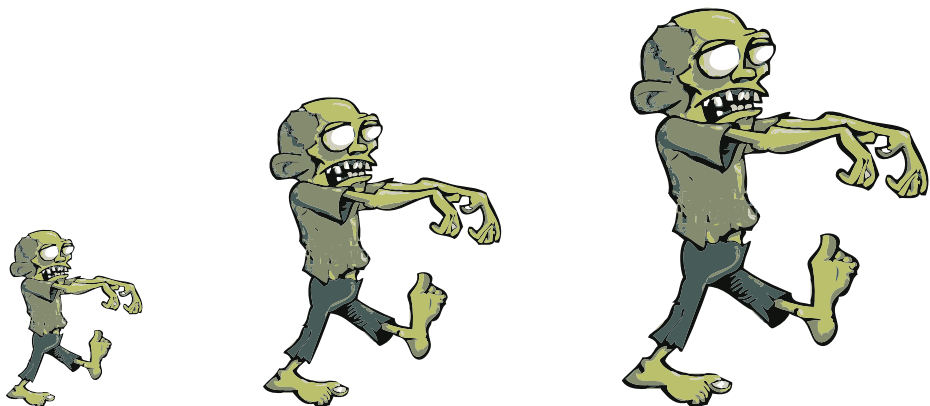


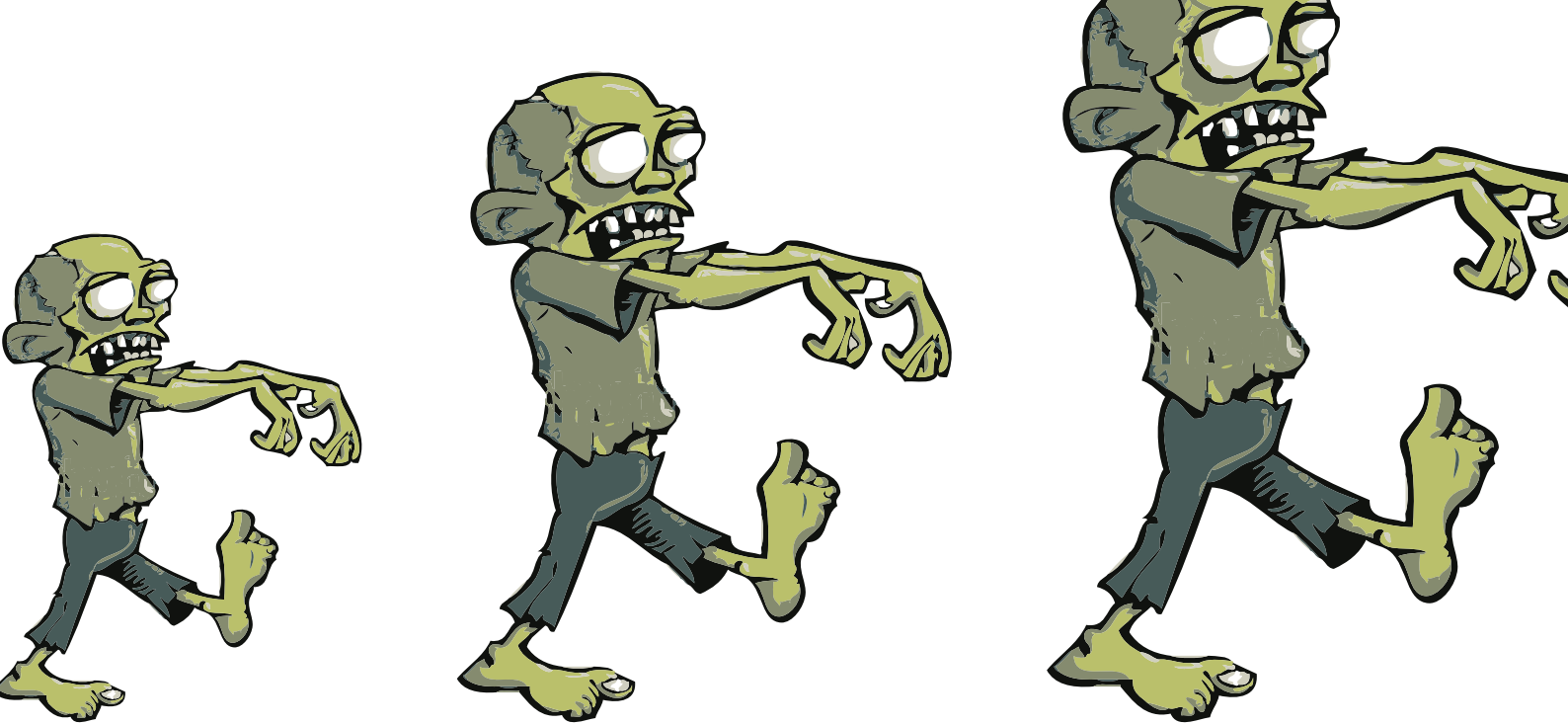


Não saber porque todos se transformaram em zumbi torna-se algo fundamental para a narrativa de *A Noite dos Mortos Vivos*.
O medo está em todo e qualquer lugar.



DAWN OF THE DEAD





[Fran e Stephen estão observando do telhado do shopping]

Francine Parker: O que eles estão fazendo? Por que eles vem aqui?
Stephen: Algum tipo de instinto. Memória do que costumavam fazer.
Este era um lugar importante em suas vidas.

When there's
no more room in HELL
the dead will walk the EARTH

First there was
'NIGHT OF THE
LIVING DEAD'

Now
GEORGE A.
ROMERO'S



DAWN OF THE DEAD





First there was
"NIGHT of the LIVING DEAD"

Dr. Logan: Esse é mesmo o começo, não é?
Eles têm que ser recompensados. Esta é a solução.
Temos de controlá-los assim eles não irão nos matar e nos comer.

then
"DAWN of the DEAD"

Dr. Logan: Mas ele está vivo ou morto?
Bem, essa é a questão hoje não é?
Vamos apenas dizer que eu deixei ele continuar a existir.

and now the darkest day of horror the world has ever known

GEORGE A. ROMERO'S
DAY
OF
THE
DEAD TM

United Film Distribution Company presents A Laurel Production
George A. Romero's "DAY OF THE DEAD"
Starring Lori Cardille, Terry Alexander, Joe Pilato, Richard Liberty
Production Design Cletus Anderson, Music by John Harrison, Director of Photography Michael Gornick
Makeup Special Effects Tom Savini, Co-Producer David Ball, Executive Producer Salah M. Hassanein
Produced by Richard P. Rubinstein, Written and Directed by George A. Romero

ORIGINAL SOUND TRACK AVAILABLE ON SATURN RECORDS & TAPES

Due to scenes of violence, which may be
considered shocking, no one under 17 admitted.

© MCMLXXXV Dead Films, Inc.



O avanço da indústria de efeitos especiais permitiu que o corpo em um estado degradante tornasse o filme cada vez mais assustador. A trilogia de Romero e as imagens proporcionadas principalmente do *Dia dos Mortos*, provaram de uma vez por todas que o verdadeiro terror deste mundo não é o retorno dos mortos, mas a desumanidade dos vivos e a inerente podridão da sociedade contemporânea. (Russell, 1985:171).

Se *Noite e Despertar* expuseram a podridão oculta dos Estados Unidos do século XX, *Dia dos Mortos* fantasia a possibilidade de uma alternativa, nascida da destruição da ordem estabelecida. Vista como um todo, a série mostra que, como aponta Sue Ellen Case, “os mortos eliminaram a unidade familiar, reivindicaram seu próprio valor de mercadoria no shopping e derrotaram o complexo militar industrial”. Tudo que restou foi a possibilidade de começar de novo, livrando-se dos sinais e símbolos da velha ordem e começando do zero. Como explica o crítico Paul R. Gagne, “se o shopping de Monroeville é um templo da sociedade de consumo, como Romero provoca em *Despertar*, então [a caverna depósito de mísseis de *Dia*] é sua tumba”. (Case apud Russell 1985:209)



DAY OF THE DEAD

RETURN OF THE LIVING DEAD

A década de 1980 foi o momento em que o zumbi precisou ser reconhecido como um monstro “aceitável”. Um dos filmes que se destaca neste viés é *A Volta dos Mortos Vivos* (1985) do diretor Dan O’Bannon. A história transformou-se em um *terrific*, que seria o Gênero que alia comédia e terror. Toda a narrativa enfatiza piadas.

Mesmo assim, é evidente a referência de O’Bannon nos filmes de George Romero.

Como O’Bannon explicou à revista *Cinefantastique* na época do lançamento do filme: “Eu não quero visualizar um filme de puro horror nesse momento da história”. *A Volta* obteve um grande sucesso nos cinemas e chegou a ter uma sequência de mais quatro filmes.

Valendo-se mais da comédia e menos do terror, os filmes posteriores tentaram emplacar a franquia de *A Volta*.

Em 30 de Novembro de 1982, três anos antes do filme de O’Bannon, o cantor Michael Jackson lançou o álbum *Thriller*. Em pouco mais de um ano o álbum tornou-se o mais vendido e bem sucedido de todos os tempos. De fato, foi considerado o mais vendido da história dos Estados Unidos, saindo até no *Record Guinness* por ter sido adquirido por mais de 149 milhões de pessoas até 2006.



MICHAEL JACKSON

Thriller solidificou a carreira de Jackson como o maior popstar de todos os tempos. O álbum foi o primeiro a usar com sucesso o videoclipe como ferramenta promocional sendo exibido constantemente pela MTV e considerado um divisor de águas importante e inovador para a TV da época. Com Jackson, o zumbi sai completamente das sombras e vira um personagem que atinge todas as idades e classes sociais.



SE FOR ATACADO POR UM ZUMBI, VOCÊ...



A. CORRE

B. ESCONDE

C. ATIRA


D. THRILLER

THE EVIL DEAD

Filme dirigido por Sam Raimi.

Não chega a ser exatamente um filme de zumbi mas apresenta monstros possuídos por espíritos, muito similares aos personagens de George Romero.





“...The most ferociously original
horror film of the year...”
—Stephen King
author of *Carrie* and *The Shining*

THE EVIL DEAD

Starring BRUCE CAMPBELL ELLEN SANDWEISS HAL DELRICH BETSY BAKER SARAH YORK
Make-up Effects by TOM SULLIVAN Photographic Effects by BART PIERCE Photography by TIM PHILO
Music by JOE LoDUCA Produced by ROBERT G. TAPERT Written and Directed by SAM RAIMI
Color by TECHNICOLOR® Renaissance Pictures Ltd. From  NEW LINE CINEMA All Rights Reserved

THE PRODUCERS RECOMMEND THAT NO ONE UNDER 17 BE ALLOWED TO SEE THE EVIL DEAD

©New Line Cinema Corp. MCMLXXXIII

W. S. Anderson

WE ARE GOING TO EAT YOU!



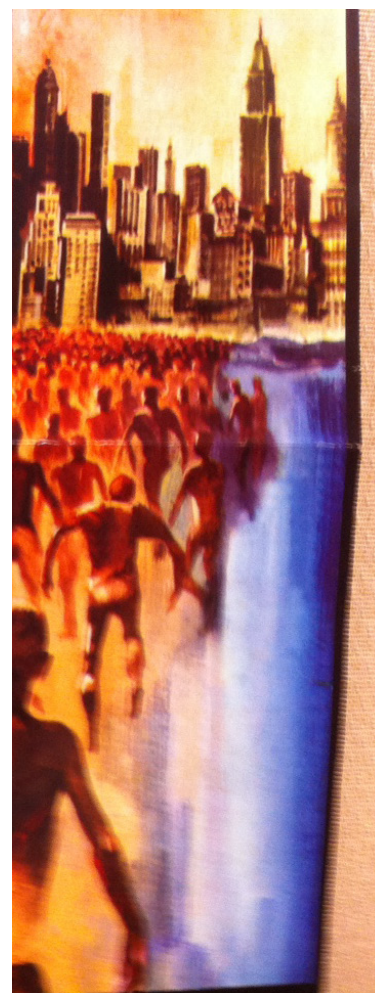
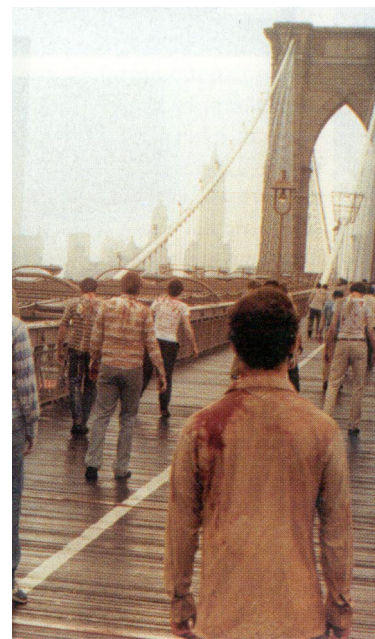
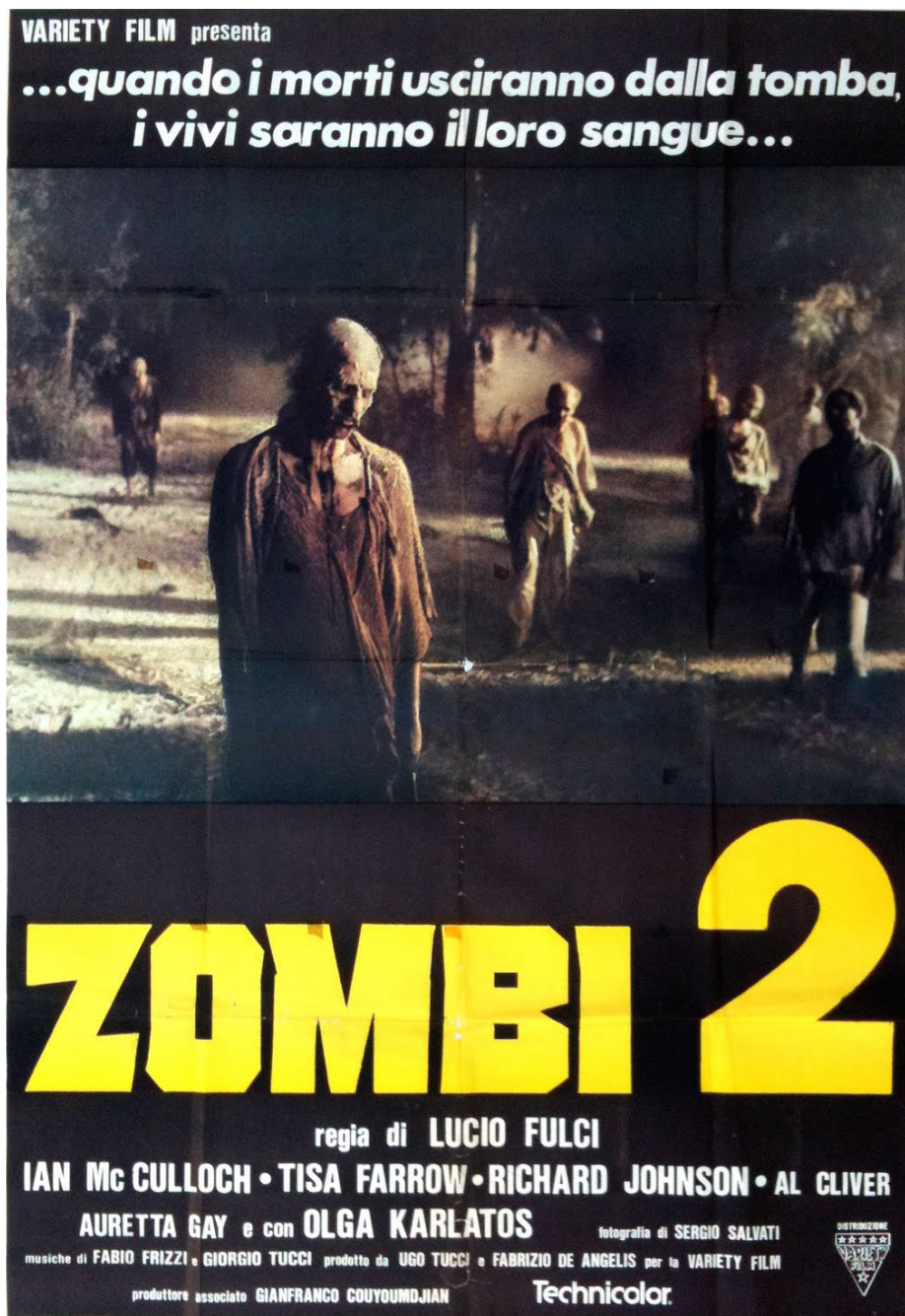
ZOMBIE

...THE DEAD ARE AMONG US!

Jerry Gross presents "ZOMBIE" starring Tisa Farrow • Ian McCulloch • Richard Johnson • Al Cliver
Story and Screenplay by Elisa Briganti • Produced by Ugo Tucci and Fabrizio De Angelis for Variety Film
Color by Metro Color • Directed by Lucio Fulci • Distributed by The Jerry Gross Organization

There is no explicit sex in this picture.
However, there are scenes of violence which may be considered shocking.
No one under 17 will be admitted.

ZOMBI 2 LUCI FUCCI



Zombi 2, clássico filme do cineasta italiano Lucio Fulci.
Filmado e lançado em 1979, o filme de Fulci volta com a proposta de um zumbi reanimado por forças desconhecidas, possivelmente forças do vodu Haitiano.



28 DAYS LATER

Sargento Farrell: Pense! Basta pensar! O que você faria com uma pequena ilha doente?

[pausa]

Sargento Farrell: Eles nos colocaram em quarentena. Não há nenhuma infecção...

Apenas pessoas matando pessoas... É insano!



WARNING!



MAINTAIN THE QUARANTINE
DEADLY FORCE WILL BE USED TO PROTECT THIS AREA

**BE THANKFUL
FOR EVERYTHING
FOR SOON
THERE WILL
BE NOTHING**

JUNE 27

YOUR DAYS ARE NUMBERED.
www.28dayslater.com

TM and ©2002 Fox and its related entities. All rights reserved. Property of Fox. Private screening. Sale, duplication or other transfer of this material is strictly prohibited.

VIDEO GAME

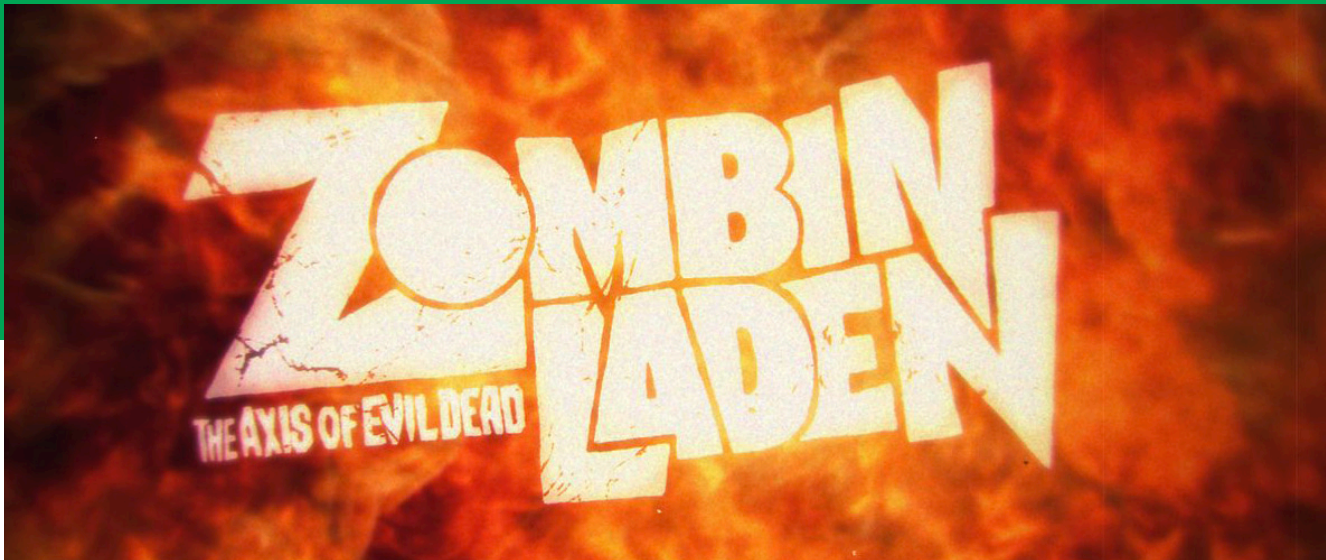


Partindo da análise das imagens, observa-se que o zumbi está à solta e foi dissimulando suas ações para outros contextos, aparecendo nos mais diversos lugares e situações. No videogame ele aparece em jogos como *Resident Evil* que se tornou uma das maiores franquias de jogos do PlayStation no ano de 1990.



RESIDENT EVIL
OUTBREAK

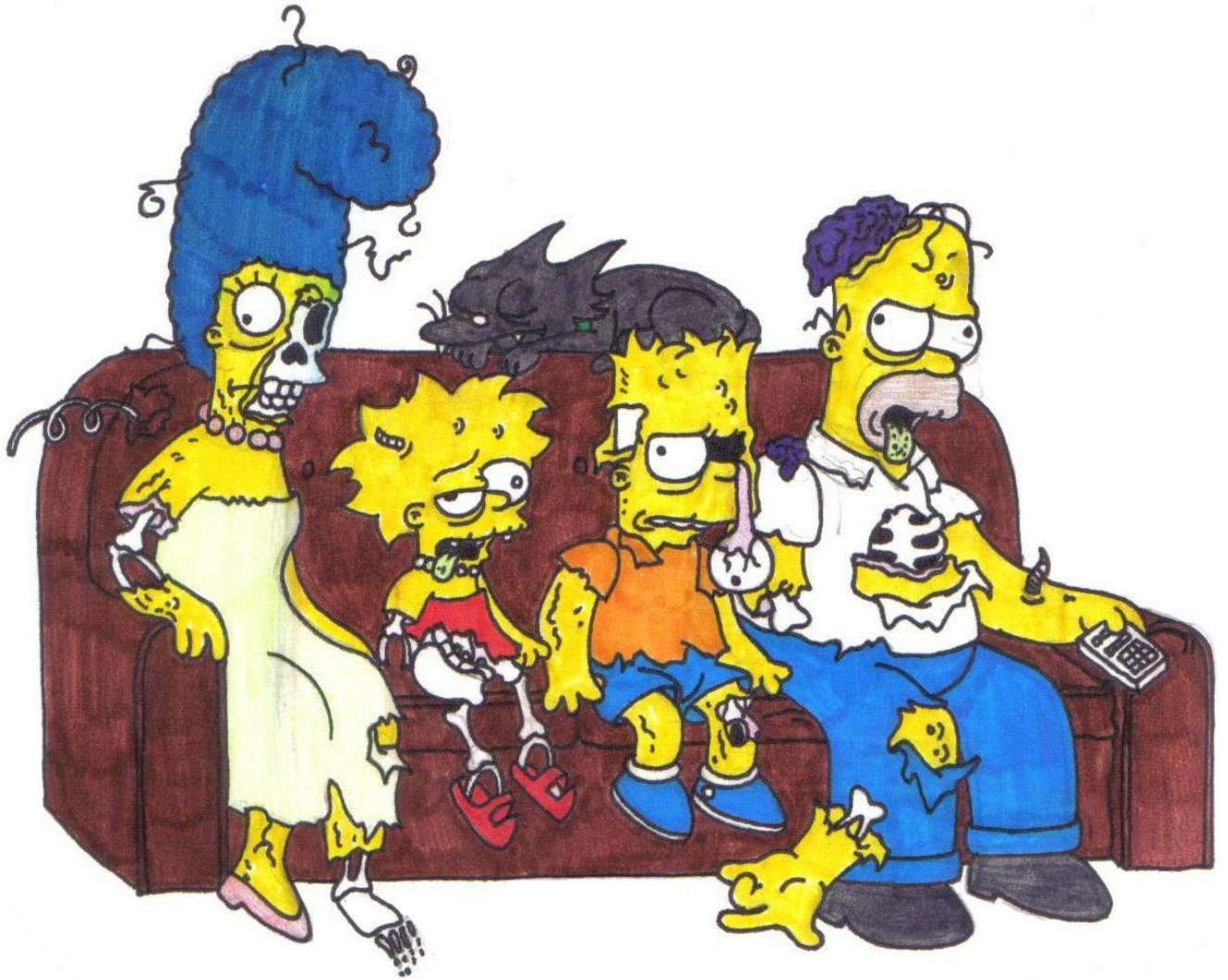
RED DEAD REDEMPTION™
UNDEAD
NIGHTMARE



PERSONAGENS FAMOSOS TRANSFORMADOS EM ZUMBI



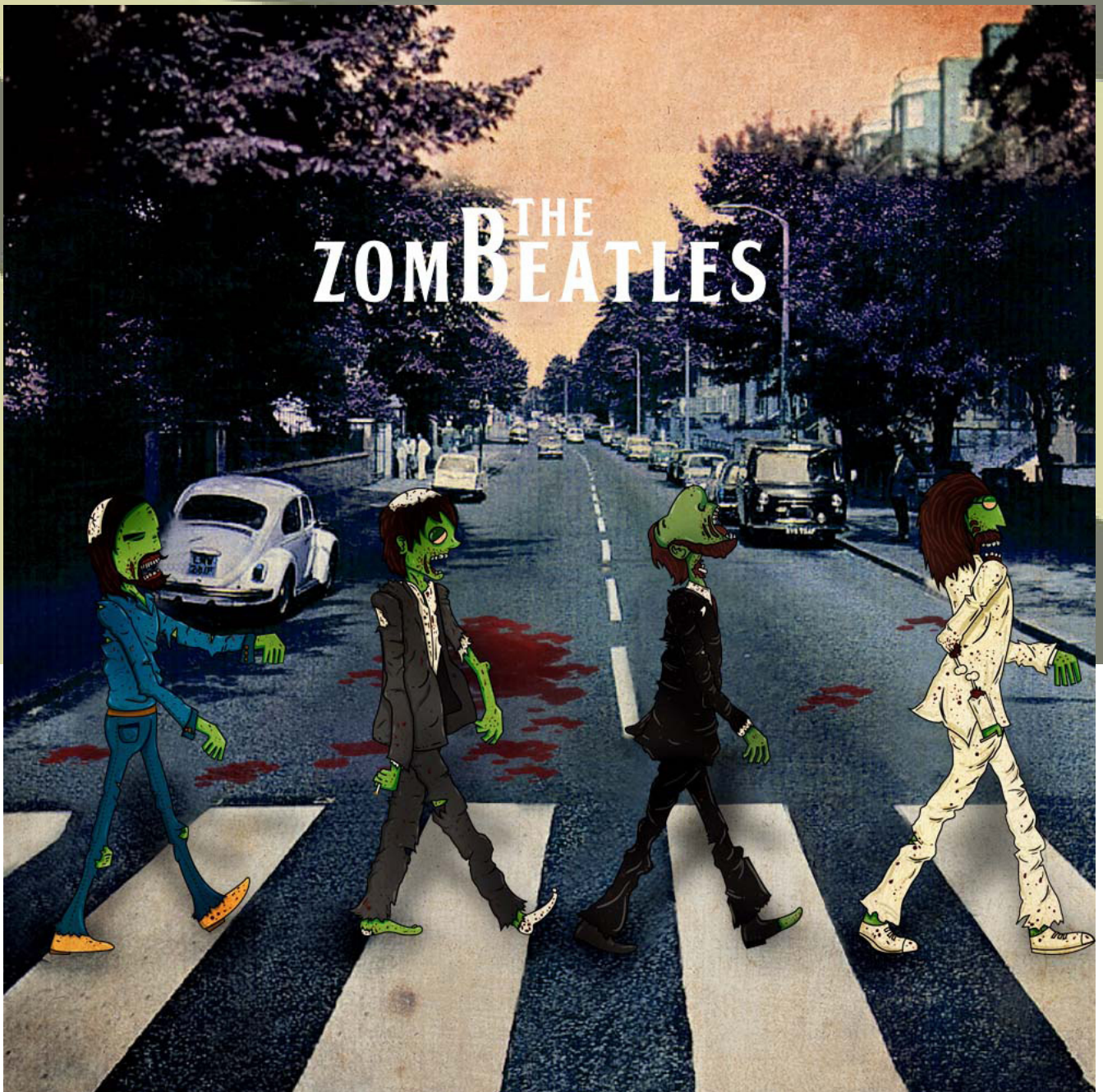






A ideia de corpos ambulantes multiplicou-se e, aos poucos, tornou-se trivial. Personagens famosos podem se transformar em zumbis. Tudo e todos podem se transformar em zumbis, banalizando a morte em vida.

ZOMBIE JESUS



No livro *“Zombie Culture: Autopsies of the Living Dead”* (2008), Shawn McInoth afirma que o zumbi tem deixado de ser reconhecido apenas como um monstro que aparece, de tempos em tempos, como personagem em veículos diversos. O que existe hoje é uma cultura zumbi. O enfoque principal é indagar como lidamos com a ação social e cultural que o zumbi propõe, assim como, com as transformações que os filmes (e outras mídias) ativam na sociedade, deflagrando a chamada cultura zumbi.

Em termos de cultura popular e entretenimento, os zumbis são versáteis o suficiente para serem os caras que caem para uma série de teorias paranoicas sobre programas secretos do governo ou demoníacos planos corporativos. Da mesma forma, no vestir e reconstituições que as pessoas estão participando em vários locais e em outros momentos como Halloweens, os zumbis representam um



abandono da sociedade, mesmo quando eles envolvem o indivíduo em um cobertor de segurança da comunidade – uma comunidade em que não muito é convidado e onde as regras de comportamento são claras. Há algo de aterrador em ser transformado em um zumbi, mas algo estranhamente reconfortante na escolha a ser um, quase como Cholo (Jhon Leguizamo), em *Land of The Dead*, depois que ele é mordido por um zumbi, quando ele diz a seu amigo para não matá-lo ainda porque ele era “sempre curioso sobre como seria” – como se fosse uma escolha de vida. Talvez os zumbis de energias especiais detenham mais de nossa imaginação, afinal, eles nos mostram não só que podemos lutar contra poderosas forças sociais mas também que, ao lidar com forças misteriosas superiores a nós mesmos, haverá uma reconfortante sensação de comunidade mesmo sendo (um) morto. (Mcintosh, Leverette, 2008:16).



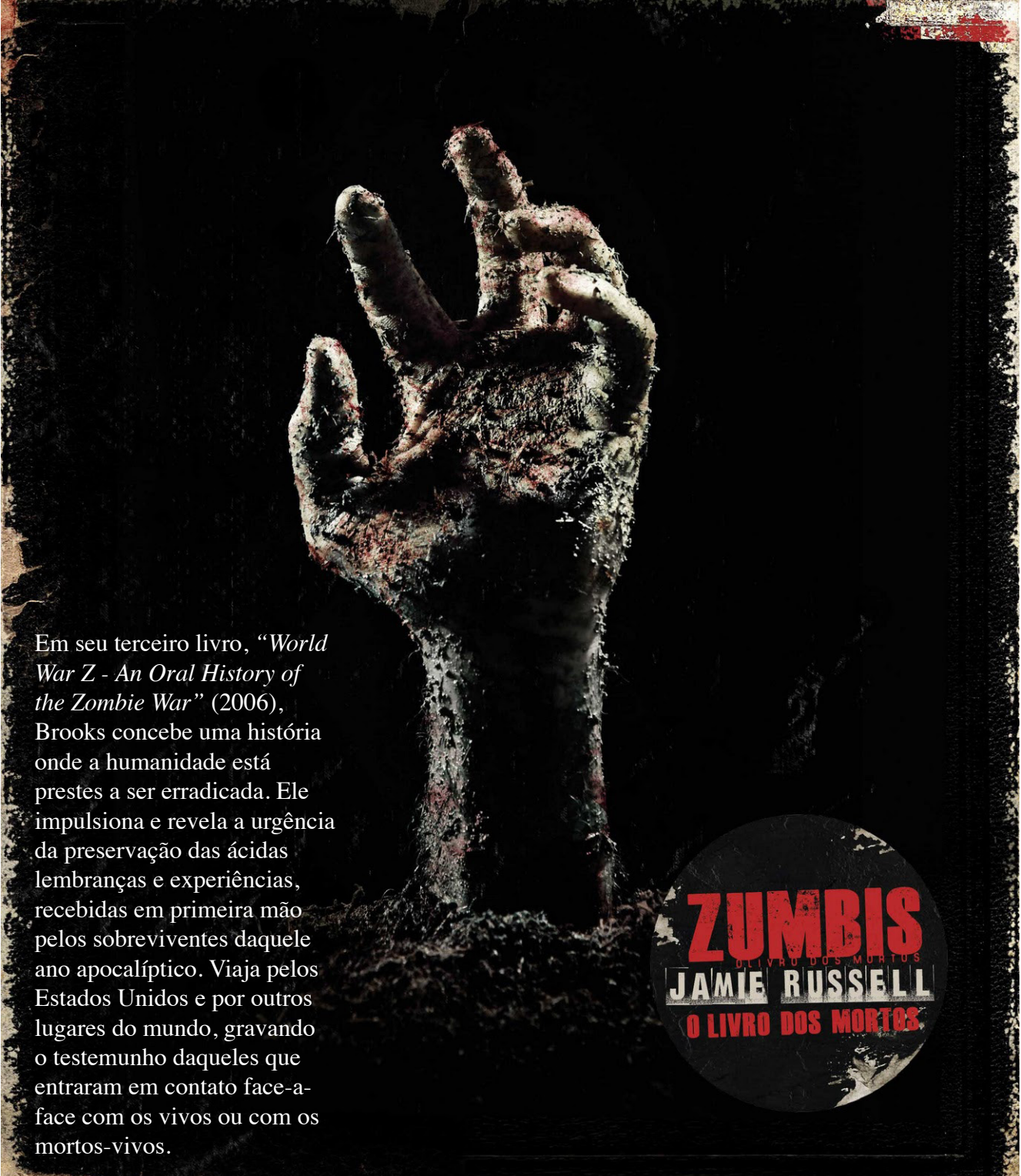
WORLD WAR

AN ORAL HISTORY OF THE ZOMBIE WAR

MAX BROOKS

LITERATURA ZUMBI E KIT DE SOBREVIVÊNCIA

Em seu terceiro livro, *“World War Z - An Oral History of the Zombie War”* (2006), Brooks concebe uma história onde a humanidade está prestes a ser erradicada. Ele impulsiona e revela a urgência da preservação das ácidas lembranças e experiências, recebidas em primeira mão pelos sobreviventes daquele ano apocalíptico. Viaja pelos Estados Unidos e por outros lugares do mundo, gravando o testemunho daqueles que entraram em contato face-a-face com os vivos ou com os mortos-vivos.



ZUMBIS
O LIVRO DOS MORTOS
JAMIE RUSSELL
O LIVRO DOS MORTOS

HOW TO KILL A ZOMBIE



IN THE EVENT OF ZOMBIE ATTACK

3 STEPS TO SURVIVING INFESTATION

1. Avoidance
2. Termination
3. Disposal

1. AVOIDANCE

All zombie infestations render the location uninhabitable. The citizen's first duty is to vacate the area and proceed immediately to an authorized Rescue Station. Duly authorized Z.E.R.O. personnel will manage relocation -- but, the key to an effective evacuation is COMPLETE AVOIDANCE OF HAZARDOUS CONDITIONS while en route.

EVACUATE



Gather family and essential small valuables only. DO NOT attempt to secure or defend property or possessions.

RELOCATE



Proceed immediately to the Rescue Station assigned to your area. In the absence of Z.E.R.O. Relocation Management personnel, monitor local radio broadcasts for directions.

DO NOT ENGAGE!

It is critical to remember that any zombies encountered during relocation are NOT family or friends but REANIMATED CORPSES INFECTED WITH A DEADLY CONTAGION. Under NO circumstances should you engage one in any kind of interaction. Contagion is transmitted via a bite, and ANY interaction with a zombie results in repeated attempts to bite.



IN THE EVENT OF A BITE...



Apply pressure to the wound with padding found in the supplied BITE KIT until proper medical supervision can be accessed.

IF THE WOUNDED INDIVIDUAL EXPIRES after being bitten, VACATE THE PREMISES IMMEDIATELY or execute guidelines found in next section.



2. TERMINATION

Engage this step only if in an unsecured location, and ONLY if you have positively identified a zombie by using the Zombie Classification Cards (supplied). Otherwise, any terminations should be referred to and executed by a duly authorized member of Z.E.R.O. or your local licensed Zombie Extreminator.



CEREBRAL NEUTRALIZATION

The ONLY known method for effectively terminating a zombie, either by cranial penetration or blunt force trauma (A, B, C) or decapitation (D).

CENTER MASS

For stopping or slowing down target ONLY when distance does not permit a head shot. NOT an effective termination method.

LOWER EXTREMITIES

For stopping or slowing down target ONLY when distance does not permit a head shot. NOT an effective termination method.

3. DISPOSAL



"TAPE & TAG"

After terminating the zombie(s), mark the perimeter to enable Z.E.R.O. Disposal Unit personnel to locate the remains and ship to a Mobile Acid Disintegration (M.A.D.) unit for disintegration. This can be completed in two simple "Tape & Tag" steps:

1. Mark area surrounding the remains with an appropriate length of CAUTION: ZOMBIE OUTBREAK ZONE tape (supplied).
2. Attach a FORM 2BD tag (supplied) to the toe of the corpse.

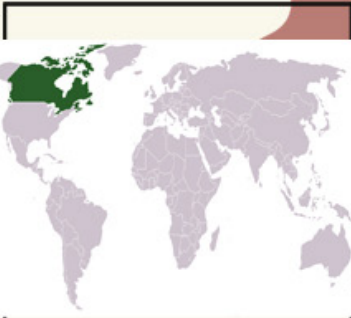
DO NOT INCINERATE!

Incineration releases airborne toxins which spread infection to the uninfected deceased or, in areas of heavy humidity or precipitation, the recently interred deceased. This exponentially increases infestation levels.



ZOMBIE SURVIVAL SHEET

LOCATION



SIDEKICK



LAST WORDS:

Well this sucks...

HEADWEAR (OPTIONAL)

None~

ATTIRE



STRONGHOLD



CLEAN UNDIES



MAIN WEAPON



SECONDARY WEAPON



VEHICLE



INVENTORY



BATTLE ANTHEM

MUSIC BOX- THRICE

NOT RESPONSIBLE FOR LOST OR TORN OFF LIMBS.



PLACES TO AVOID

ZOMBIES CAN ALWAYS BE FOUND ANYPLACE WHERE THE LIVING-IMPAIRED ARE COMMONLY KNOWN TO FREQUENT.

AVOID THE FOLLOWING PLACES AT ALL COST:

- ➡ CEMETERIES
- ➡ MORGUES
- ➡ ALL-NIGHT COPY STORES

HOW TO IDENTIFY A ZOMBIE

SPOTTING A ZOMBIE CAN BE A DIFFICULT TASK. CORPORATE TYPES AND MOST POLITICIANS CAN BE EASILY MISTAKEN FOR THE LIFE-IMPAIRED. CAUTION AND COMMON SENSE ARE ALWAYS THE RULE WHEN A NON LIFE-IMPAIRED CITIZEN ATTEMPTS TO: A.) IDENTIFY, AND B.) DESTROY A ZOMBIE. THE FOLLOWING IS A LIST OF THINGS TO LOOK FOR WHEN PRESENCE OF THE LIFE-IMPAIRED IS SUSPECT:

- ➡ DISHEVELED APPEARANCE
- ➡ UNRESPONSIVE TO COMMUNICATION
- ➡ PALE, OFTEN CLAMMY OR DECOMPOSING SKIN
- ➡ NO CONCEPT OF PERSONAL BOUNDARIES
- ➡ MOTIVATION TO EAT THE BRAINS OF THE LIVING



ZOMBIE



WARNING

CITIZENS: IT HAS COME TO OUR ATTENTION THAT THERE HAS BEEN A DRAMATIC INCREASE IN THE NUMBER OF LIFE-IMPAIRED (ZOMBIES) AMONG US. THE LIFE-IMPAIRED POSE A SERIOUS HEALTH-RISK TO THE GENERAL POPULACE BY SPREADING DISEASE AND FEASTING UPON THE BRAINS OF TAX-PAYING CITIZENS. ALL CITIZENS SHOULD ACQUAINT THEMSELVES WITH THE IDENTIFICATION AND BEHAVIOR OF THE LIFE-IMPAIRED.

DESTROYING A ZOMBIE

ZOMBIES POSE A DIFFICULT TASK TO DESTROY SINCE THEY CANNOT FEEL ANY TYPE OF PAIN. INTIMIDATION WITH VIOLENCE OR VERBAL REPRIMANDS ARE NOT AN EFFECTIVE MEANS OF SELF-DEFENSE. SWIFT AND DECISIVE ACTION IS REQUIRED IF THE CITIZEN HOPES TO ESCAPE UNSCATHED.

IF AN ENCOUNTER WITH A ZOMBIE(S) CANNOT BE AVOIDED, CITIZENS ARE STRONGLY ADVISED TO ATTEMPT ONE OR BOTH OF THE FOLLOWING SURVIVAL METHODS:



METHOD 1
DISMEMBERMENT



METHOD 2
INCINERATION

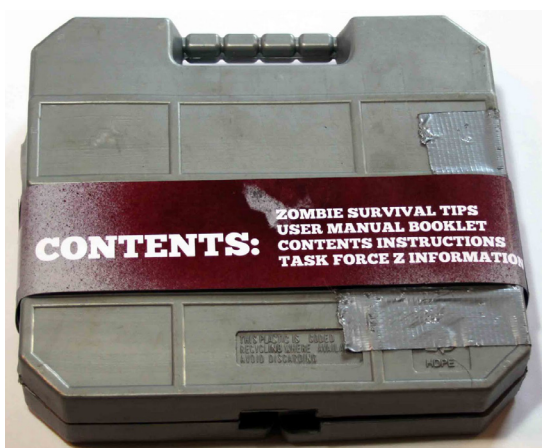
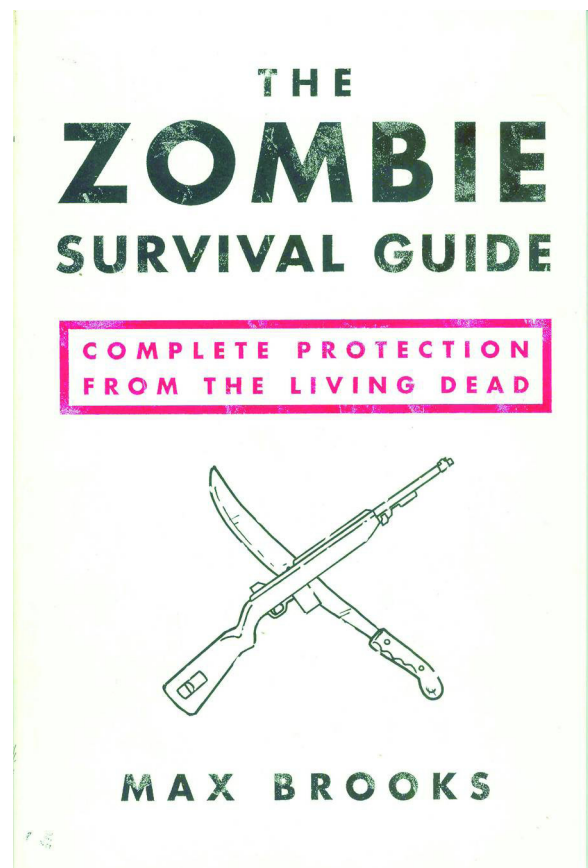
Max Brooks, autor de “*The Zombie Survival Guide*” (2003) explica como sobreviver a um iminente apocalipse de zumbis que pode ocorrer a qualquer momento.

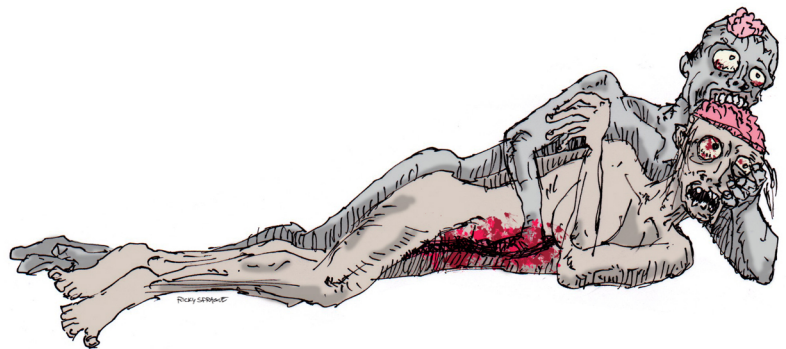
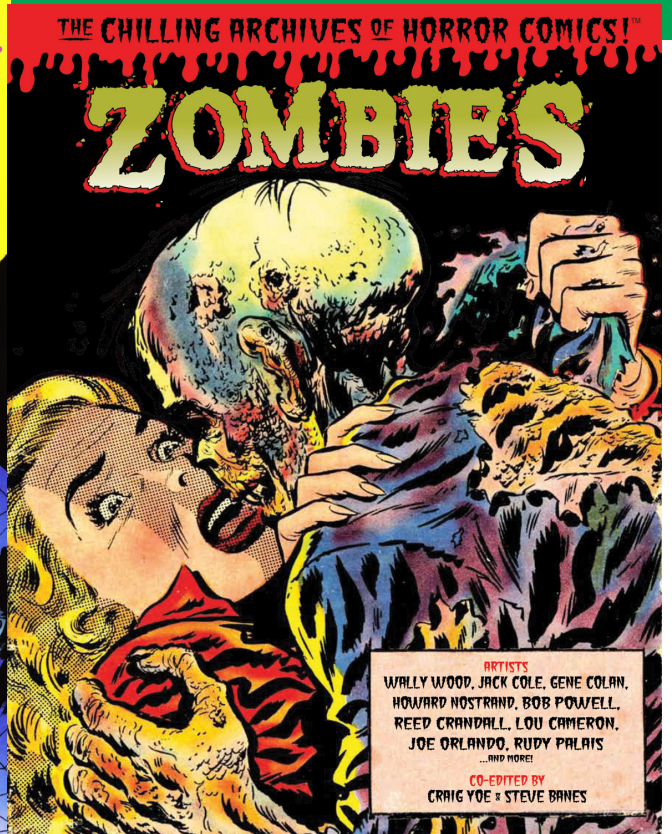
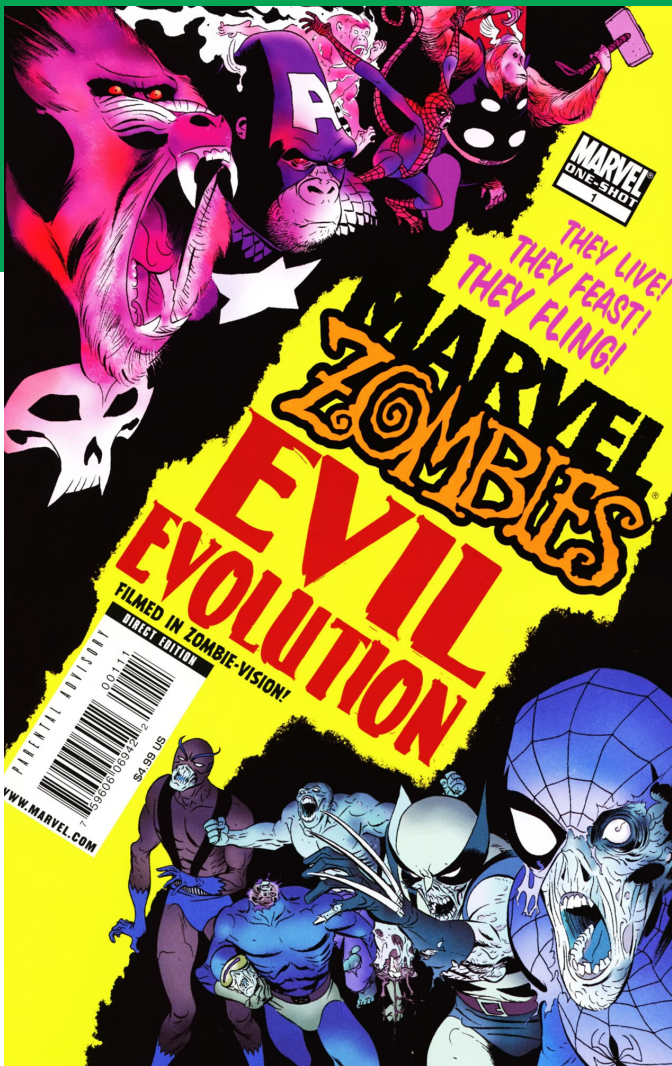
O livro reflete os mitos pop culturais do gênero.

Em seu segundo livro, “*The Zombie Survival Guide: Recorded Attacks*” (2009), Brooks apresenta os recordes de ataques que já estavam em “*The Zombie Survival Guide*” (2003).

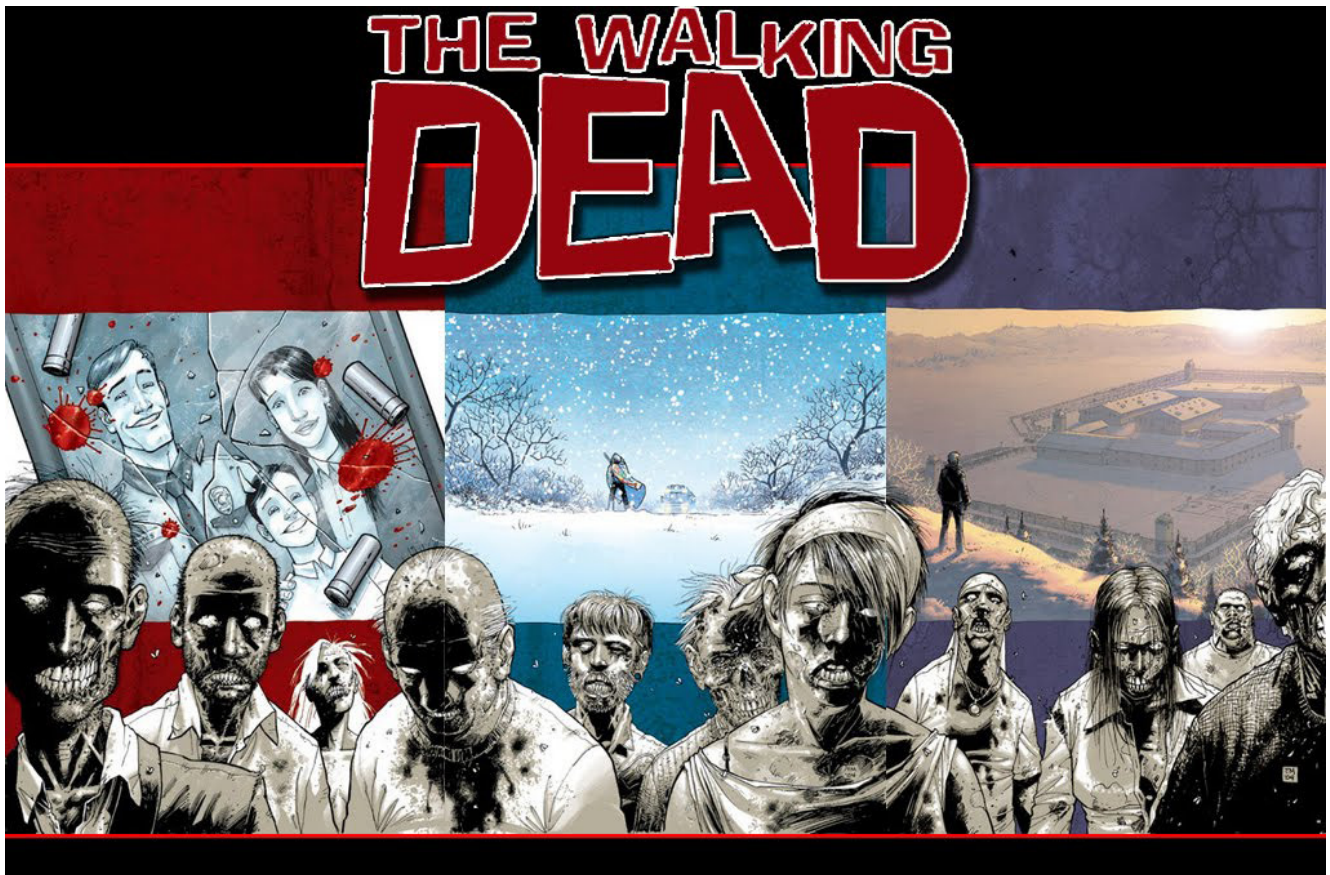
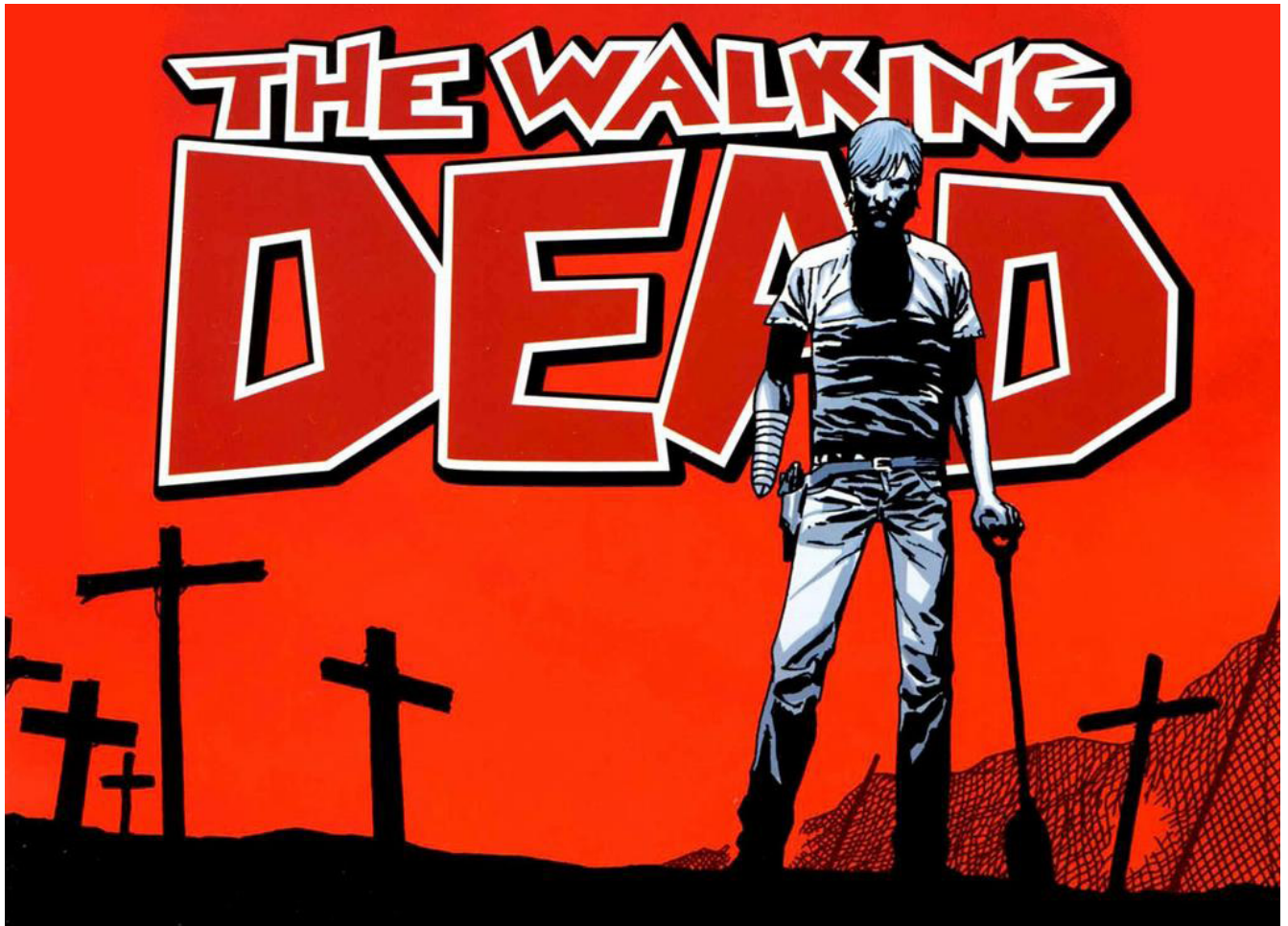
Toda civilização tem enfrentado essa ameaça e, neste volume, são contadas as histórias heróicas e os contos terríveis dos chefes bárbaros e dos soldados infectados, assim como, dos zumbis.

O autor termina dizendo: “Sim, eles virão novamente!”.





**The Zombie Kama Sutra:
The Double Coupling, AKA The Rear Stroke**
The partners lay side-by-side, both facing forward. Coupling begins when the rear partner enjoins, and uses his hand to penetrate the abdominal cavity of the forward partner. The rear partner locates his pleasure wand inside the body of the forward partner, and strokes himself. Pleasure is doubled for both partners: Double strokes, double penetrations.



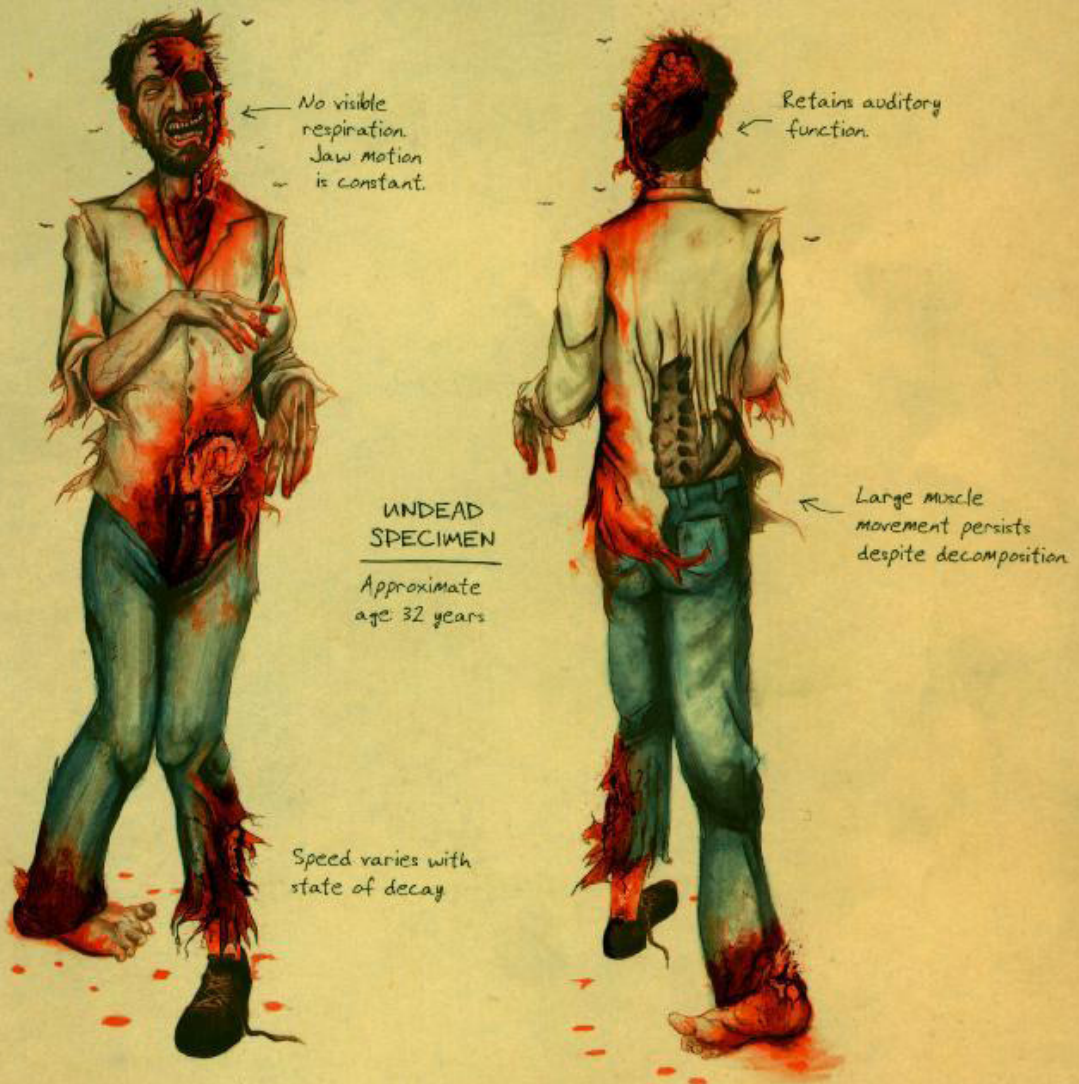
TURMA DA
mônica
ZOMBIES



Turma da Mônica © Maurício de Souza Produções
Marvel Zombies logo © Marvel Comics

**HAPPY
HALLOWEEN!**

ZOMBIES

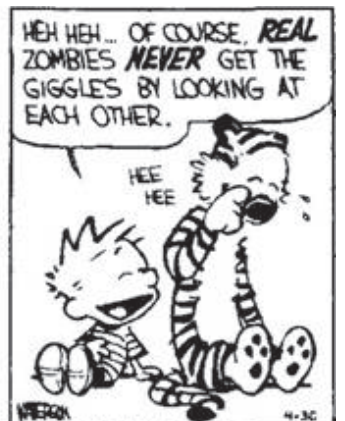


A RECORD OF THE YEAR OF INFECTION

Field Notes by Dr. Robert Twombly



Calvin and Hobbes and Zombies



MODA ZUMBI







Na moda, o modelo *Zombie Boy* (Rick Genest) ficou conhecido pelas várias tatuagens em todo corpo, que fizeram com que parecesse um cadáver. Genest participou de uma campanha para promover um removedor de maquiagens. No vídeo, ele aparece irreconhecível e sem uma tatuagem sequer. A partir do momento em que ele começa a utilizar o produto, a sua real identidade vai aparecendo. Esse vídeo pode ser visto no YouTube e chama-se *Go Beyond The Cover* (Além do Disfarce).
62

04

WETHEURBAN

ZOMBIE BOY
+KREAYSHAWN & LIL DEBBIE

TOP 5 CREATIVE
PEOPLE IN FASHION

MEN'S INCREASING
INTEREST IN FASHION?

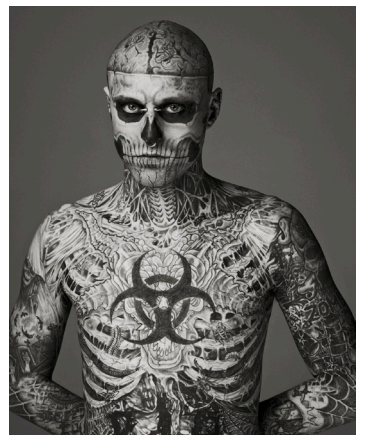
The Art of Fame

Hip Hop Portraits
by Dale Edwin Murray

Shop the WTU Closet
+ Neon Hitch & More!

WHO'S ON TOUR ?!

MUGLER



Arte e design: Marlon Delano

2º ZOMBIE WALK

Dia 27 de Novembro **ARACAJU**
Concentração as 14:30

Na Orla de Atalaia em frente ao Cariri
início da caminhada dos mortos as 16:00 horas



VENHA MORRER POR UM DIA

TUDO COMEÇOU NO CANADÁ QUANDO 6 AMIGOS FÃS DOS FILMES DE ZUMBIS

4th Annual **WORLD ZOMBIE DAY**
2011 **ZOMBIE WALK AGAINST HUNGER**

ZOMBIES

Sunday, October 9th 2011

Food drive & fund raiser to benefit
Gleaners Community Food Bank
Hosted by **Zombie Walk Detroit**

ZOMBIE WALK

ZOMBIE WALK PG

<http://zombiewalkpg.blogspot.com>

2011

FESTIVAL DE CINEMA DE ZUMBIS

DE 26 A 30 DE OUTUBRO NO CINE ÓPERA AUDITÓRIO B ÀS 19:00
ENTRADA: 2 REAIS

26/10 - NIGHT OF THE LIVING DEAD

27/10 - REC

28/10 - SHAUN OF THE DEAD

29/10 - PLANET TERROR

30/10 - REANIMATOR



*HAVERÁ ENTREGA DE CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO.

II ZOMBIE WALK PONTA GROSSA 02/11

ÀS 18:00 H SAÍDA EM FRENTE TERMINAL CENTRAL

PERCURSO: CALÇADÃO - BONIFÁCIO VILELA -
PENTEADO DE ALMEIDA - PUB UNDERGROUND



FESTA DA ZOMBIE WALK

APÓS A ZOMBIE WALK NO PUB UNDERGROUND! 5 REAIS ENTRADA!

SHOW COM BOLORÉS

DISCOTECAGEM DE

REALIZAÇÃO:

HORROR PUNK,
GOTHIC ROCK / DARKWAVE



APOIO



PREFEITURA
MUNICIPAL DE
PONTA GROSSA



ZOMBIE WALK SP

www.zombiewalksp.com



2 DE NOVEMBRO DE 2011

praça do patriarca (próximo ao metrô anhangabaú)
concentração às 15h - início da caminhada às 17h

ZOMBIE WALK

BH 2010

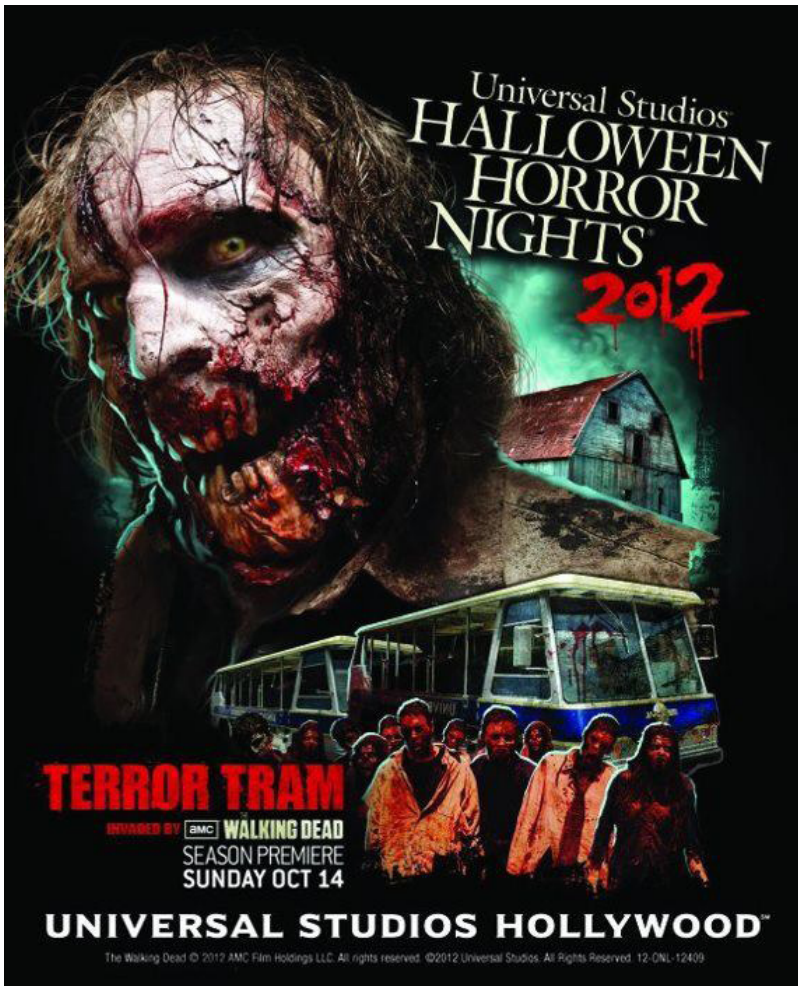


07/08

Concentração Praça 7 - 16h

Trajeto: Afonso Pena - Alvares Cabral - João Pinheiro -

Praça da Liberdade - Cristovão Colombo - Praça da Savassi



JOIN US AS WE SET SAIL ON

THE OOZE CRUISE

DEPARTING FROM CAPE LIBERTY-BAYONNE NJ CRUISING TO ORLANDO, NASSAU & COCO CAY JANUARY 6TH THROUGH THE 13TH.
 Captain Cruella of the Carnivorous Cadavers of Village Invasion Zombie Events and award winning horror blogger, Brian Solomon of The Vault of Horror.net invite you to sail amongst the humans on a 7 night cruise fit enough for even the most discriminating zombie.

BRAIN EATERS BOARDING FOR:
 OUR "MEAT" AND GREET ZOMBIE CRAWLS
 COSTUME CONTESTS
 ZOMBIE MOVIE NIGHTS
 ZOMBIE VARIETY SHOW
 MAKEUP TUTORIALS
 OUTRAGEOUS SIVAG AND MORE!

CHECK OUT WHAT WE'VE DUG UP FOR ALL YOU GHOULS AND BOILS!

Interior Cabin: \$771
 Oceanview: \$881
 Balcony: \$891
 Jr Suite: \$1141

SIGN UP NOW AND GET A \$75 ONBOARD CREDIT!

To book the most zomberrific cruise the living have ever had call or email Best Crusies & Travel Now representative:
 Eva Greenwald
 203-221-3171 or toll free 888-499-7245
 egreenwald@cruiseplanners.com

\$250 pp deposit due by 8/8 with final payment due 10/23

O movimento Zombie Walk que mobiliza legiões de fãs vestidos de zumbis pelas ruas das grandes capitais do mundo, apresenta uma multidão vagando sem direção, apenas pelo prazer de flunar pelas ruas.









THE WALKING DEAD



Story
Matters
Here

amc

THE WALKING DEAD



The Walking Dead é uma série de televisão, pós-apocalíptica, distribuída pela AMC e desenvolvida por Frank Darabont. Baseada nos quadrinhos “The Walking Dead” de Robert Kirkman, Tony Moore e Charlie Adlard.





Dale: O mundo que conhecemos se foi, por isso... manter a nossa humanidade?
Isso é uma escolha.



CIVIC



**TO EACH
THEIR OWN**



CIVIC SEDAN



civic.honda.com

Dead Set é uma minissérie de televisão do Reino Unido, de 2008. O enredo gira em torno de Kelly (uma garota que trabalha nos bastidores da casa do Big Brother) e seus confinados, enfrentando um apocalipse zumbi.



Bluetooth® HandsFreeLink® comes standard on EX models and above.

ZUMBI NA MÍDIA

REALITY BITES

DEAD SET



Starts 27 Oct
10pm



A ZEPPOTRON PRODUCTION

CAST KELLY JAIME WINSTONE PATRICK ANDY NYMAN RIG RIZ AHMED ANGEL CHIZZY AKUDOLU ALEX LIZ MAY BRICE MARKY WARREN BROWN
VERONICA BETH CORDINGLY SPACE ADAM DEACON JOPLIN KEVIN ELDON GRAYSON RAJ GHATAK PIPPA KATHLEEN McDERMOTT HERSELF DAVINA McCALL
WORDS CHARLIE BROOKER EXECUTIVE PRODUCERS CHARLIE BROOKER AND ANNABEL JONES DIRECTOR YANN DEMANGE

WWW.E4.COM/DEADSET

"THIS FILM HAS 'INSTANT CLASSIC' WRITTEN ALL OVER IT."
-NEW YORK TIMES

AAAAH! ZOMBIES!!

"THE MOST
UNIQUE ZOMBIE
FLICK I'VE SEEN."
-BLOODY DISGUSTING.COM

"YOU'LL LAUGH
SO HARD, BITS
OF YOU MIGHT
JUST FALL OFF."
-LONDON SCI-FI REVIEW



ZOMBIES ARE PEOPLE TOO!!

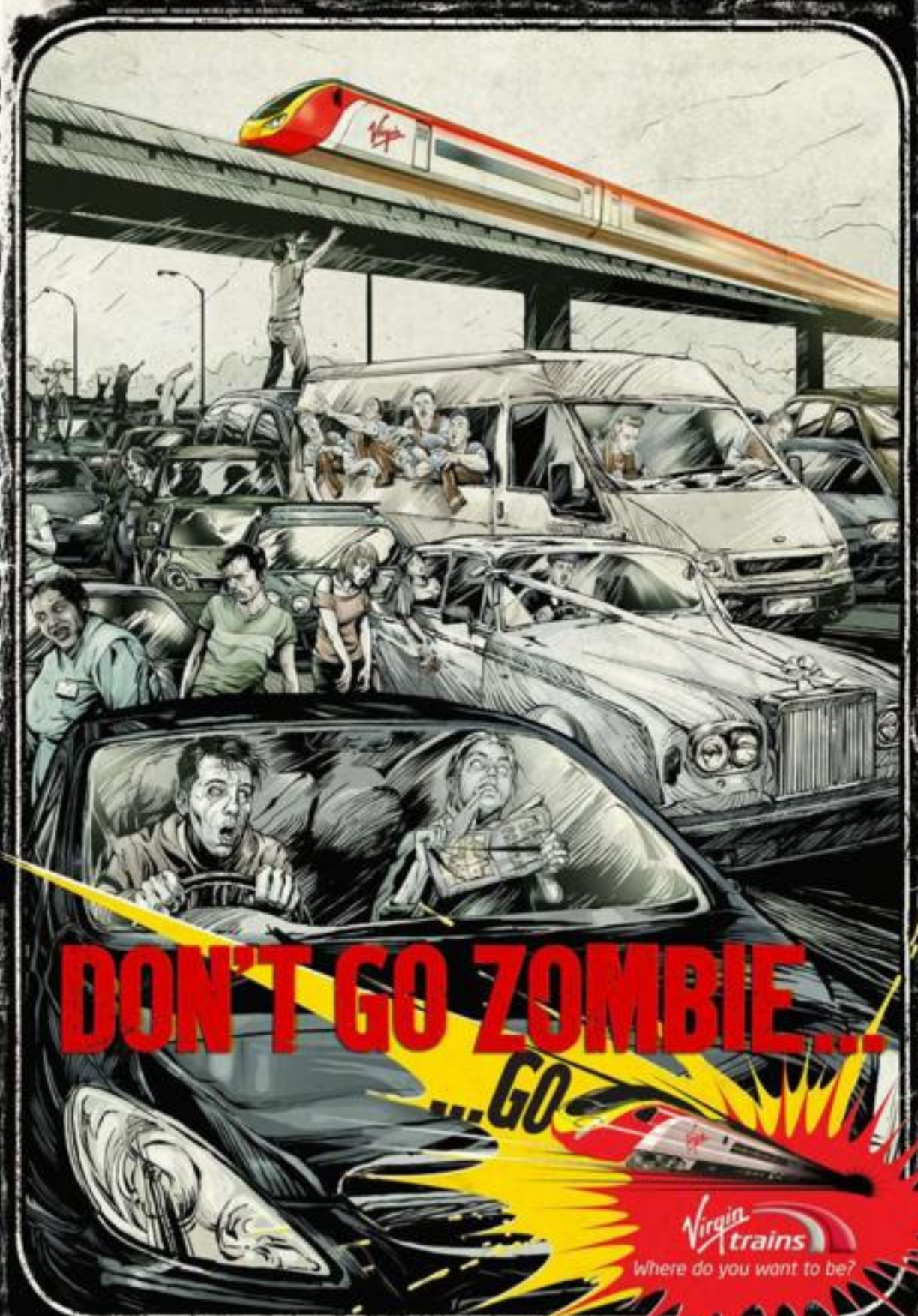
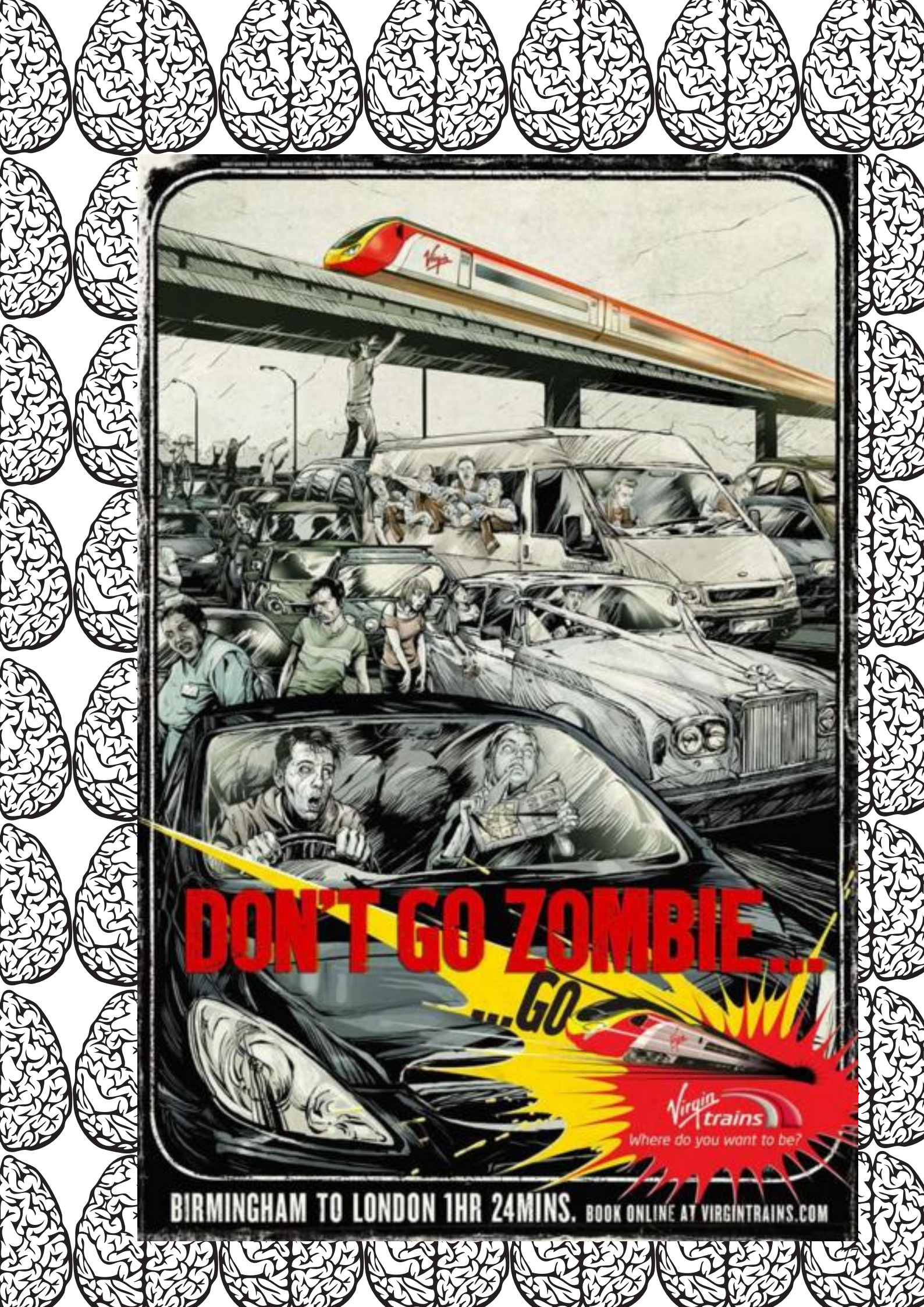


FREE CALLS

BETWEEN
-MIDNIGHT-
AND 5am



vodacom
www.vodacom.co.za



DON'T GO ZOMBIE...

...GO

Virgin
trains
Where do you want to be?

BIRMINGHAM TO LONDON 1HR 24MINS. BOOK ONLINE AT VIRGINTRAINS.COM



WWW.RAMTRAINING.CO.UK

ZOMBIE BOOT CAMP

TACTICAL PAINTBALL & ZOMBIES

HORROR CAMP

LIVED

FREE METRO

Monday, November 28, 2011 METRO 3



Wanted...

...undead or alive

Killing game: 28 fully laden
armies as the
boots have been
left unattended
if zombies
might not
attack

As I was slumped against a fence by a
black heavy jacket. I realised the best comp
was not for the faint-hearted.
From earlier on I had realised I wasn't the
chance to show a few acres in gory contrast
with a peaceful side - but I turned out these
"zombies" really meant business.
On arrival at Zombie Boot Camp in
Dunstable, Bedfordshire, we were killed out
of a protective military zone.
The commander briefed us about proce-
dures - including "blatant" - containing a
zombie outbreak in the area and told us we
would be back here to tackle the medical. After

by **IAN BERRY**
some target practice with our specially adapted
AR15s, I realised taking our zombies wasn't
be too hard.
Some other evening at the infected site with
my partner - who promptly got out and ran for
cover - I was dragged from the vehicle and
threw to the floor by the "medical".
It was only after the attack that I realised I
was so very fond of boots. I hadn't pulled
the trigger of my rifle once - big zombie-hunt-
ing fail.
But the number of all bullets still pointed to

All day we had been crying up the anti-zom-
bie briefing on the inside of the tent. Some-
ing inside the tent would be at this point
to complete details and to help members.
We were armed with blood balls and com-
mand protocols to clear the path to freedom.
But an unlikely outside at the front was
popped out and with his eyes wide shut.
He was faced to catch-handily take on the
killing zombies and save the day.
Mission accomplished. All the infected were
killed and our arms were spent.
In preparation for a zombie invasion, log on to
www.metro.co.uk/zombie-horrorcamp



ZOMBIE BOOT CAMP



Zombie gift experience

Zombie Boot Camp, um lugar pensado para se matar zumbis na Inglaterra reúne uma inimaginável quantidade de pessoas que, atraídas pela vontade de pegar em armas e salvar suas vidas, acabam sendo expostas à possibilidade da morte organizada politicamente.

**ACAMPAMENTO
DE ZUMBI**



CINEMA: OUTROS FILMES



FILMLAND

OASIS OF THE ZOMBIES

AN ARMY OF UNDEAD



North African desert, November 1943:
Partisans slaughter dozens of Nazi soldiers
in desert oasis . . .

Present time:

The worm ridden and rotting bodies rise
from the grave; powered by their undead
souls they lust after the living blood of life
and tear the flesh from any who venture
near!!



DISTRIBUTED BY:
VIDEOLINE PRODUCTIONS INC.
131 AVENUE ROAD
TORONTO, ONTARIO, CANADA M5R 2H7

This film is copyright protected.

VHS

AN ARMY OF UNDEAD

OASIS OF THE ZOMBIES

OASIS OF THE ZOMBIES

Starring
Manuel Gelin, France Jordan,
Jeff Montgomery & Myriam Landson

FILMLAND

Directed by A.M. Frank
Running time 82 minutes approx.

FV 101

This video film should not be rented to or viewed by persons under 18 years of age.

MONOGRAM PICTURES presents

JOHN CARRADINE in

"REVENGE OF THE ZOMBIES"

with
GALE STORM
ROBERT LOWERY
MANTAN MORELAND
BOB STEELE

Produced by LINDSLEY PARSONS

Directed by STEVE SEKELY

Original Screenplay by EDMOND KELSO
and VAN NORCROSS



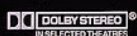




Some things won't stay down...
even after they die.

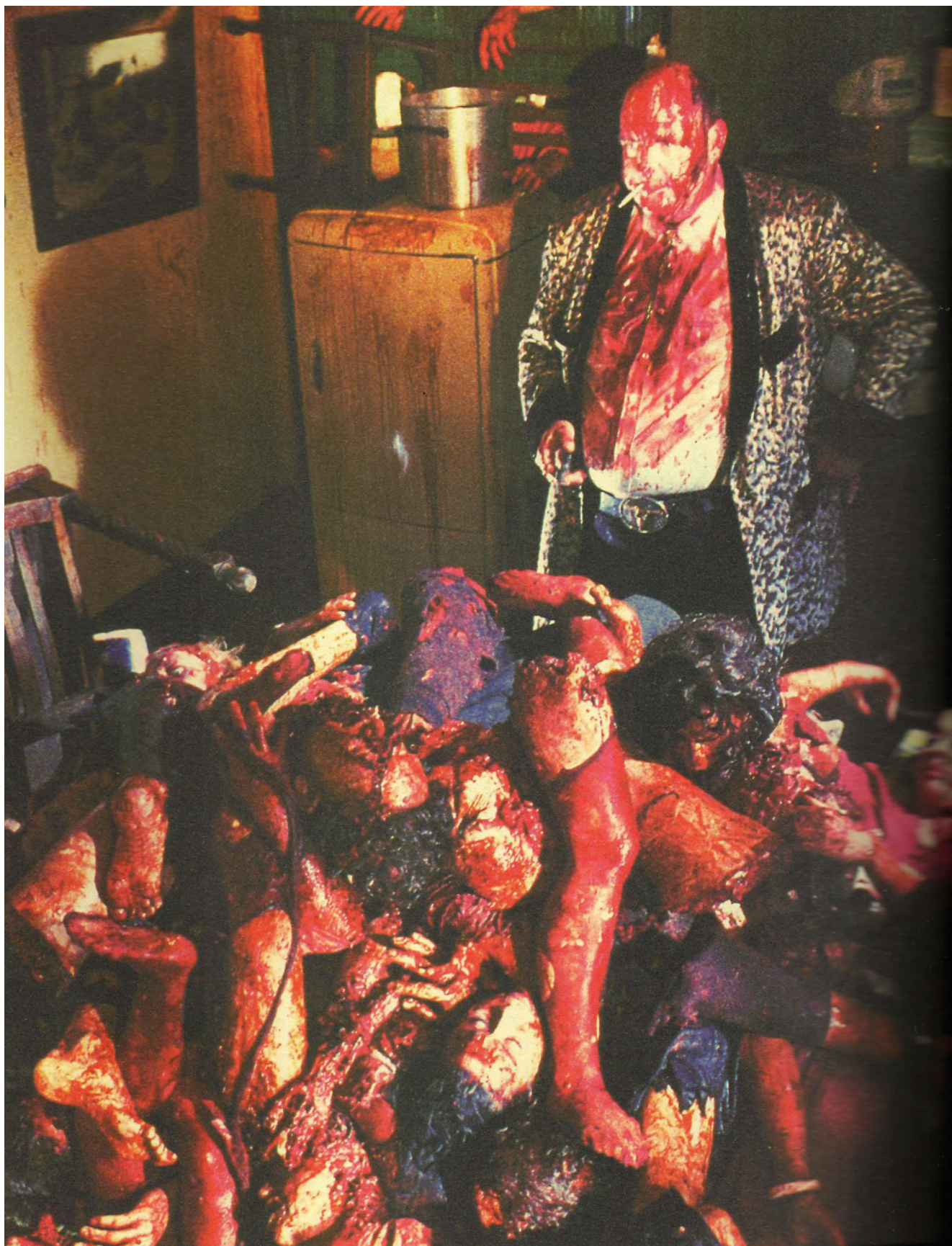
DEAD-ALIVE

TIMOTHY BALME DIANA PEÑALVER ELIZABETH MOODY IAN WATKIN "DEAD ALIVE" PROSTHETICS DESIGN BOB McCARRON CREATURE & CORE EFFECTS RICHARD TAYLOR PRODUCTION DESIGN KEVIN LEONARD-JONES
MUSIC PETER DASENT DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY MURRAY MILNE EDITOR JAMIE SELKIRK SCREENPLAY STEPHEN SINCLAIR FRANCES WALSH PETER JACKSON
PRODUCER JIM BOOTH DIRECTOR PETER JACKSON



Due to the SHOCKING NATURE of this film, NO ONE UNDER 17 ADMITTED

Dead Alive (“Fome Animal”), dirigido pelo cineasta Peter Jackson, o filme retrata zumbis por um viés cômico.



ZOMBIE ARTE



**HOW EVERYTHING
GOES TO HELL
DURING A**

**ZOMBIE
APOCALYPSE**



A cultura zumbi fez da morte um produto cultural e histórico da nossa sociedade.

As imagens em comparação demonstram as alterações que o corpo do zumbi foi sofrendo no decorrer de décadas. A imagem em preto-e-branco do ator Bill Heinzman como o primeiro *ghoul* (como eram chamados os zumbis de Romero) nas primeiras cenas do cemitério Heinzman pode ser considerado a primeira aparição do que hoje entendemos como zumbi apocalíptico e contemporâneo. As fotos coloridas são de zumbis da série de TV *The Walking Dead*.



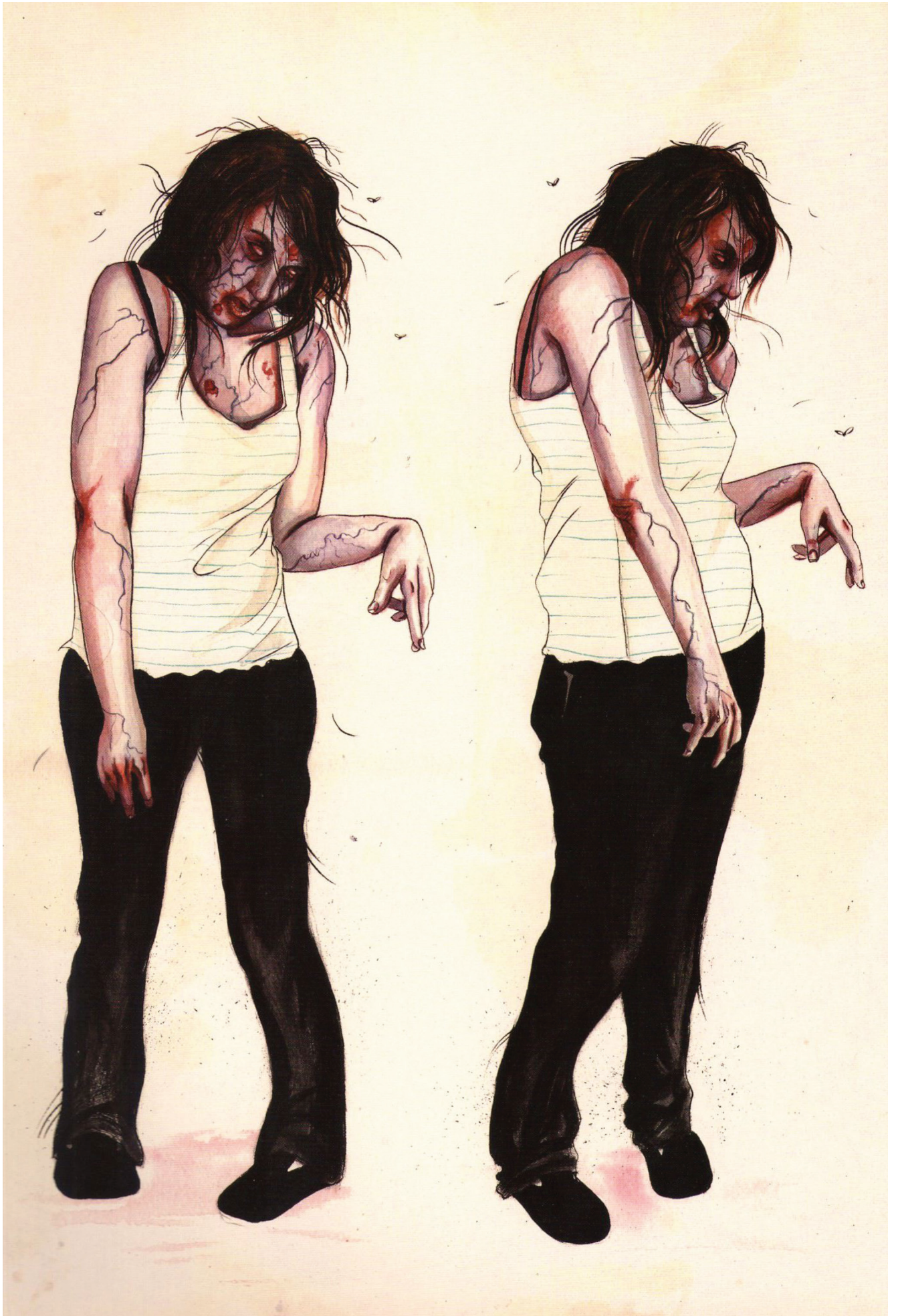


TRANSFORMATION ZOMBIE!









In the first few days of outbreak, horrific instances of suffering were broadcast on television and the internet, but mostly just short of the last stage of infection. But I've witnessed all of the following stages firsthand among fellow colleagues. Physical symptoms at the onset of illness can be categorized as follows:

Onset: Physical Symptoms



← Eyes: The sclera become enlarged and bloodshot.

Ear canals swell shut, creating a tremendous pounding sensation.



↙

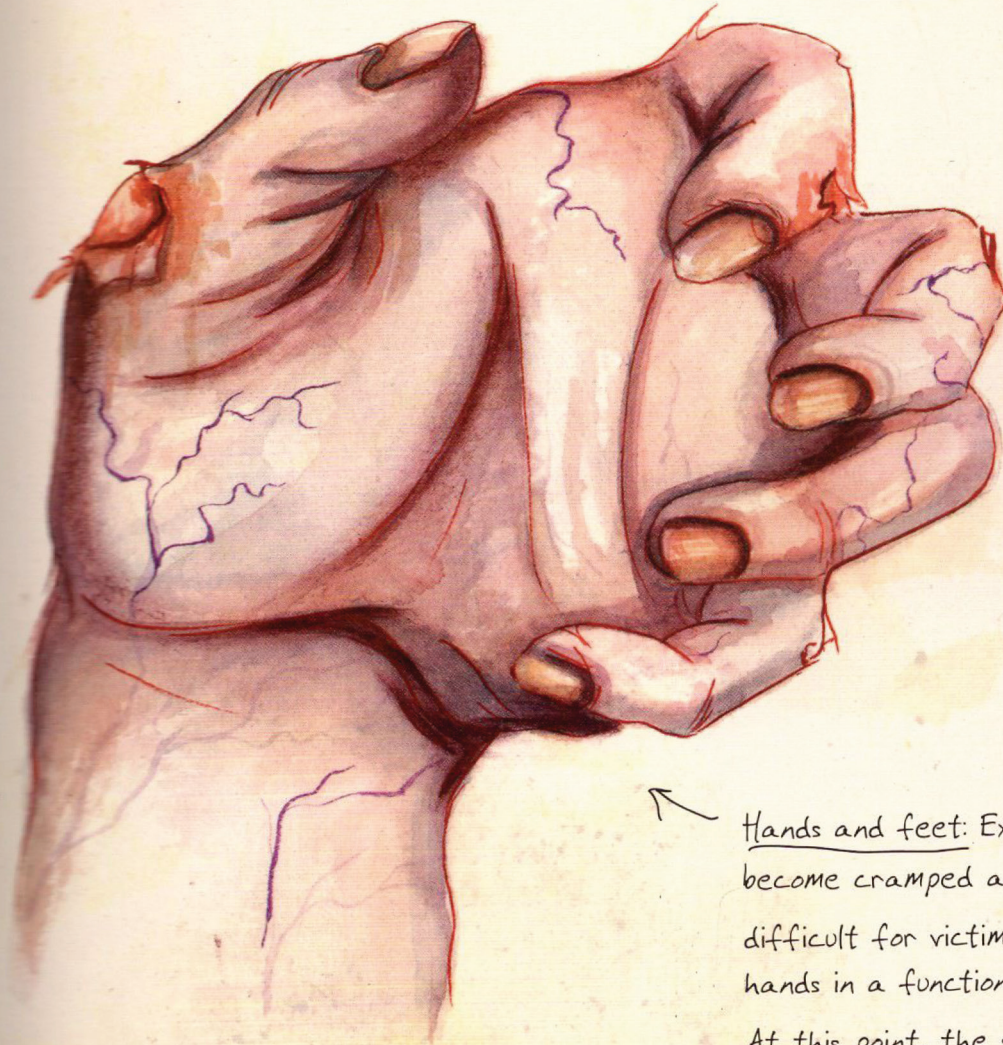


↑ Nose and mouth: Tissues engorge with fluid. Severe constriction of nasal passages and throat.

Chest: Chest area "feels tight, like a squeezed sponge." Breathing becomes short and rapid. Lungs struggle for oxygen.

Stomach: Severe stomach cramping and constipation reported. Subjects are unable to digest more food, experience vomiting and diarrhea.

Arms, legs, back: Complaints of muscular aches similar to flu symptoms. (No evidence of viral infection.) These symptoms accelerate acutely, causing intense physical pain.



↖ Hands and feet: Extremities become cramped and it becomes difficult for victim to walk or use hands in a functional capacity. At this point, the subject becomes bedridden and immobile.



ZOMBIES

ARE

WHY IS THE BEST NEW
SHOW ON TELEVISION
FILMED HERE?
SIMPLE. ATLANTA
IS THE ZOMBIE CAPITAL
OF THE WORLD.

BY JUSTIN HECKERT

SO HOT



RIGHT



ATLANTA
MAGAZINE
SEPTEMBER 2011

91

NOW



CAPÍTULO 2

DESDOBRAMENTOS POLÍTICOS:

POR UMA CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICA DO ZUMBI

O mito do zumbi parece ter defeitos, por conta de sua falta de complexidade. O zumbi é na verdade uma múmia em roupas casuais, sem vida amorosa e com grande apetite. Ambos são autônomos; nada habilidosos nem heroicos. Eles apenas zanzam por aí (Karloff chamava isso de “meus passinhos”), arrastando os pés como colegiais sem acompanhante antes do baile. Diferentemente do vampiro, que é engenhoso, circunspecto e erótico, seus primos são lesmas sub-humanas. O zumbi é um cretino absoluto, um vampiro lobotomizado, e é isso que tende a levar [todos os filmes posteriores a *A Morta-Viva (I walked with a Zombie, 1943)*] a ser pouco mais que veículos de violência explícita, cheios de gente (geralmente homens) se cutucando e ocasionalmente se alimentando uns dos outros. O zumbi é tão raso [...] que até Abbott e Costello recusaram-se a encontrá-lo. (Twitchell James. B, 1974 apud Russell 1985:17)¹

A citação de Twitchell, em seu livro *Dreadful Pleasures: An Anatomy of Modern Horror* (1985) apresenta o zumbi do senso comum. Este ainda vagueia por algumas festas e intervenções. No entanto, como vimos no primeiro capítulo, a cultura zumbi é bastante diversificada. Transita entre as fantasias de festas infantis e os estereótipos de filmes de terror até metáforas mais complexas e que podem abrir novas reflexões, inclusive de teor político.

A esta dissertação, como já foi mencionado na introdução, interessam particularmente as situações em que esse personagem midiático pode migrar dos filmes, desenhos e jogos de videogame, representando a presença silenciosa (e excessiva) da morte. Mais do que uma espécie de fetiche de mercado, o personagem zumbi tem exposto, em determinadas situações, a dimensão de perigo e a linha tênue que nos coloca entre a vida e a morte. O primeiro exemplo que se destaca é a obra de George Romero, composta pela trilogia dos mortos-vivos *A Noite dos Mortos Vivos* (1968), *Madrugada dos Mortos* (1979) e *Dia dos Mortos* (1985). Ao invés de mero entretenimento, proponho que estes filmes

¹James B. Twitchell, *Dreadful Pleasures: An Anatomy of Modern Horror* (Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1985, pp. 261 e 266).

sejam analisados a partir de alguns paradigmas conceituados pelo filósofo italiano Giorgio Agamben, particularmente, o *homo sacer* e o estado de exceção ou zona de indistinção.

A partir deste viés, o zumbi torna-se protagonista do que alguns autores tem chamado de “cultura das bordas”.

“Uma coisa é tratar a matéria do ponto de vista sociológico e perceber gradações em camadas sociais na formação de compostos culturais. Outra, é acompanhar a criação na cultura, atentar para os procedimentos, ações, revelar criadores, atitudes, e acompanhá-los nas respectivas paisagens urbanas, tempos/espacos que para nós caracterizam uma *cultura das bordas*.” (Ferreira, Jerusa Pires, 2010:12).

Os filmes de Romero são aqueles em que a lei geralmente é suspensa e homicídios, suicídios e outras formas de extermínio são apresentadas sem qualquer penalidade. *A Noite dos Mortos Vivos* (1968) que dá início à trilogia, mostra como o soberano pode (porque ele tudo pode) criar uma zona de indistinção entre os seres vivos (Agamben, 2009:41). Os zumbis do filme são os mortos-vivos, o *homo sacer*, que com seus corpos “desumanos” ameaçam a população do planeta. Eles são mortos e vagam pela terra indiscriminadamente, sem caminho ou direção.

Como máquina que no contato com os vivos produz sujeitos, o dispositivo é também uma máquina de governo (os sujeitos, livres, são sempre sujeitos a um poder). No entanto, diferentemente do que acontecia com os dispositivos ditos tradicionais (a confissão, a prisão, as escolas etc.), isto é, um ciclo completo de subjetivação (um novo sujeito que se constitui a partir da negação do um velho), nos dispositivos hodiernos (a internet, os telefones celulares, a televisão, as câmeras de monitoramento urbano etc.), não é mais possível constatar a produção de um sujeito real, mas uma recíproca indiferenciação entre subjetivação e dessubjetivação, da qual não surge se não um sujeito espectral. (Agamben, 2009:13 - 14)

Assim, Agamben constata um paradoxo latente nessa situação, capaz de expor uma zona cinzenta e de indistinção pela qual é construída a política. Neste âmbito, quanto menos

subjetividades são constituídas, mais dispositivos são criados como tentativa inelutável de sujeição do indivíduo às diretrizes do poder. Uma vez que para o funcionamento do mecanismo da política seria fundamental a constituição de sujeitos que nunca se configuram, a política gira no vazio e, desse modo, encaminha-se à catástrofe.

Agamben conceitua a noção de *homo sacer* a partir do Direito Romano:

Segundo Agamben, vida nua é a vida *matável* e *insacriável* do *homo sacer*, cuja função essencial na política moderna pretendemos reivindicar. Uma obscura figura do direito romano arcaico, na qual a vida humana é incluída no ordenamento unicamente sob forma de sua exclusão (ou seja, de sua absoluta *matabilidade*), ofereceu assim a chave graças à qual não apenas os textos sacros da soberania, porém, mais em geral, os próprios códigos do poder político podem desvelar os seus arcanos. (Agamben, 2003:16).

O *homo sacer* é, portanto, aquele que configura-se no circuito da moral tradicional, ou seja, aquele que nos leva a pensar como lidamos com a ação política. Agamben analisa um mundo submetido a uma única ordem econômica, jurídica, policial e militar assim teorizando sobre o limite da ação humana expressa no exercício da soberania. Um mundo sem fronteiras, ou seja, desterritorializado e que pode se equiparar aos filmes de Romero. De acordo com Agamben, o soberano, por meio do uso da força, impõe uma ordem política e cria dois espaços opostos: um dentro e um fora. A zona de indistinção é um lugar onde as fronteiras entre legal e ilegal são praticamente indiscerníveis.

Na biopolítica moderna, soberano é aquele que decide sobre o valor ou sobre o desvalor da vida enquanto tal. A vida que, com as declarações os direitos, tinha sido investida como tal do princípio de soberania, torna-se agora ela mesma o local de uma decisão soberana. (Agamben, 2002:148 - 149)

O principal habitante dessa zona de indistinção é o *homo sacer* abandonado e fora da proteção da lei, como o zumbi de Romero. Em seus filmes, Romero consegue mostrar o abandono dos mortos-vivos e que, de certa forma, contagia o restante da população que tenta desesperadamente algum tipo de informação para sobreviver em meio ao caos e à

desordem generalizada. O poder soberano que aparece em todos os filmes de Romero pode ser identificado como uma espécie de “lei marcial”² que acaba definindo um estado de exceção.

O estado de exceção como princípio político não se apresenta explicitamente como medida extra jurídica e arbitrária de supressão dos direitos e da ordem jurídica, pois, como não é declarado, a exemplo estado de sítio militar, aparece, ao contrário, como lei inserida e integrada no corpo do direito vigente. O estado de exceção pede emprestado as vestes do Direito para transitar sem ser incomodado, desde as salas de espera dos aeroportos até as vizinhanças e bairros mais pobres onde se abrigam minorias étnicas e estrangeiros. (Regadas, s/d)³

Em *A Noite dos Mortos Vivos* (1968), uma emissora de notícias anuncia que “a Guarda Nacional está se mobilizando” e que “o presidente convocou uma reunião em seu gabinete para lidar com a epidemia repentina de homicídios e que será acompanhado por agentes do FBI e conselheiros militares”. O presidente “humano” é o soberano e ele está mobilizando as tropas, colocando a lei em comando. Já em *A Madrugada dos Mortos* (1978), o cientista Dr. Foster (David Crawford) anuncia: “Há um estado de Lei Marcial em vigor na Filadélfia bem como em todas as outras grandes cidades do país”.

E completa: “É a ordem da OEP (Escritório de Planejamento e Energia) comandada pelo governo federal, o presidente dos Estados Unidos, que cidadãos já não podem ocupar residências particulares não importa o quão segura, protegida ou bem abastecida estejam”.⁴

Dia dos Mortos (1985) apresenta ainda outras formas de poder no comando. Um grupo pequeno de soldados e cientistas vive em um bunker. A Dra. Sarah Bowman (Lori Cardille)

² Chama-se lei marcial o sistema de leis que tem efeito quando uma autoridade militar (geralmente após uma declaração formal) toma o controle da administração ordinária da justiça (e, normalmente, de todo o Estado). Ela se traduz geralmente pela suspensão de todas as (ou parte das) liberdades fundamentais do cidadão, como o ato de ir e vir, principalmente a de se reunir, de manifestar sua opinião e de não ser empriionado sem fundamento judicial. A lei marcial entra em vigor somente em situações excepcionais, como na preparação da instituição de um regime totalitário ou ainda em reação a uma catástrofe natural.

³ Ver José Victor Regadas “*Estado de Exceção como Regra*”: *O impasse contemporâneo à resistência política no pensamento de Giorgio Agamben*. (http://www.achegas.net/numero/33/jose_luiz_33.pdf).

⁴ “there is a Martial Law state in effect in Philadelphia as in all the other major cities in the country”. Dr Foster then says, “It is the order of the Oep (Office of Energy and Planning) by command of the federal government, the President of the United States, citizens may no longer occupy private residences no matter how safely protected or well-stocked”. (*Dawn of The Dead*, 1979, ROMERO)

pergunta: “Desde quando é que isso virou uma operação militar?” e o comandante Rhodes (Joe Pilato) responde: “Ninguém se mete com o meu comando, eles vão para a corte marcial, eles são executados”.⁵

Ou seja, neste caso, o coronel Rhodes, “um homem normal”, é retratado como soberano: ele toma o poder para si e cria a zona de indistinção entre quem merece viver ou morrer ou seja, sobre os “*seres viventes*” do filme. Através de um tribunal fictício ele decide quem vai para a corte marcial ou para o abandono junto aos zumbis.

Carl Schmitt em *O Conceito do Político*⁶ (1932) foi um dos primeiros a definir a soberania como o poder de decidir a instauração do estado de exceção, possibilitando assim todo e qualquer tipo de violência a serviço do próprio Direito e do Estado. Agamben analisou as argumentações de Schmitt para assinalar que em momentos extremos ocorre a suspensão constitucional dos direitos dos cidadãos. Desde as experiências do Nazismo até Guantánamo, podemos acompanhar como a transformação dos regimes democráticos no Ocidente e a progressiva expansão dos poderes executivos possibilitaram o surgimento do estado de exceção como técnica de governo. Cada vez mais a proclamação do estado de exceção passou a estar prevista não somente como medida de segurança, mas como defesa da “democracia”. (Agambem, 2003:32 - 33).

É assim que, de acordo com Agamben, o estado de exceção torna-se o dispositivo pelo qual o direito integra a vida. Hitler, por meio do “Decreto para a proteção do povo e do Estado”, promulgado em fevereiro de 1933, suspendeu os artigos da constituição de Weimar, permitindo a eliminação da vida não apenas dos adversários políticos, mas de categorias inteiras de cidadãos. A partir daí, a criação de um estado de emergência permanente tonou-se uma das práticas políticas dos Estados “democráticos” contemporâneos, mesmo que estes não tenham nenhuma similaridade com a proposta nazista. Uma vez aberto o

⁵ Dra. Sarah Bowman: “Since when did this become a military operation?” Commandant Rhoads respond: “anybody fucks with my command, they get court martialed, they get executed. (*Day of the Dead*, 1985, RÓMERO).

⁶ Sobre *O Conceito do Político*, há uma quantidade grande de interpretações, existe uma vasta aceitação que “*O Conceito do Político*” é uma tentativa de alcançar a unidade estatal definindo o conteúdo do político como oposição ao estrangeiro, e também pela preeminência do Estado, o qual permaneceu como uma força neutra em cima de uma sociedade civil potencialmente turbulenta, de quem vários antagonismos não devem ser permitidos alcançar o nível do político, para que não resulte em guerra civil. (consultado na internet a 17/06/2011 http://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Schmitt#O_Conceito_do_Pol.C3.ADTico).

precedente, e estando significativamente ampliada, a prática do estado de exceção tornou possível anular o estatuto jurídico do indivíduo, criando um ser juridicamente inominável.

Uma lei que pretende fazer-se integralmente vida, encontra-se hoje cada vez mais frequentemente diante de uma vida que se desanima e se mortifica em norma. (Agamben, 2003:182)

A trilogia de Romero pode ser considerada uma das maneiras de retratar zonas de indistinção em uma esfera catastrófica. Utilizando imagens fictícias, mas assustadoramente reais, simula estados de suspensão. A todo instante surgem soldados cometendo suicídios, cientistas estudando cadáveres, mortos-vivos invadindo shopping centers, infanticídios e assassinatos em massa. Ao aproximar o sistema de pensamento construído por Agamben da obra de Romero tudo parece mudar, migrando do mero entretenimento para uma experiência de profanação.

O Espaço político da soberania ter-se-ia constituído, portanto, através de uma dupla exceção, como uma excrescência do profano no religioso e do religioso no profano, que configura uma zona de indiferença entre sacrifício e homicídio. *Soberano é a esfera na qual se pode matar sem cometer homicídio e sem celebrar um sacrifício, e sacra, isto é, matável e insacrificável, é a vida que foi capturada nesta esfera.* (Agamben, 2003:84 – 85).

O soberano, ao criar uma zona de indistinção, abandona o *homo sacer*, privando-o de seu direito de cidadão e proteção da lei. O zumbi também vive a mesma situação, abandonado, esquecido e banido da sociedade. O zumbi, assim como o *homo sacer*, não é digno de sacrifício e segue vagando sem direção e inconsciente de seus atos.

A vida do bandido – como aquela do homem sacro – não é um pedaço de natureza ferina sem alguma relação com o direito e a cidade; é, em vez disso, um limiar de indiferença e de passagem entre animal e o homem, a *physis* e o *nómos*, a exclusão e a

inclusão: *loup garou*, lobisomem, ou seja, nem homem nem fera, que habita paradoxalmente ambos os mundos sem pertencer a nenhum. (Agamben, 2010:105).

Segundo Agamben (2003), a sociedade moderna baseia-se no corpo que está exposto à morte. Eventos contemporâneos confirmam o seu diagnóstico sobre os riscos e os perigos da identidade política que se funda sobre o corpo.

E apenas porque a vida biológica, com as suas necessidades, tornara-se por toda parte o fato *politicamente* decisivo, é possível compreender a rapidez, de outra forma inexplicável, com a qual no nosso século [século XX] as democracias parlamentares puderam virar Estados totalitários, e os Estados totalitários converter-se quase sem soluções de continuidade em democracias parlamentares. Em ambos os casos, estas reviravoltas produziam-se num contexto em que a política já havia se transformado, fazia tempo, em biopolítica, e no qual a aposta em jogo consistia então apenas em determinar qual forma de organização se revelaria mais eficaz para assegurar o cuidado, o controle e o usufruto da vida nua. As distinções políticas tradicionais (como aquelas entre direita e esquerda, liberalismo e totalitarismo, privado e público) perdem sua clareza e sua inteligibilidade, entrando em uma zona de indeterminação logo que o seu referente fundamental tenha se tornado a vida nua. (Agamben, 2003:118 - 119).

Sheriff McClelland (George Kosana), em *A Noite dos Mortos Vivos* (1968) afirma sem remorso:

“Se você tem uma arma, atire neles [nos zumbis] na cabeça. Essa é uma maneira de matá-los. Se você não fizer isso, obtenha um taco ou uma tocha. Bata neles ou queime eles. Eles caem muito fácil [...] são apenas carne morta e perigosos”.⁷

⁷ Sheriff McClelland, em *A Noite dos Mortos Vivos* (1968) state remorselessly, “If you have a gun, shoot ‘em [the zombies] in the head. That’s a sure way to kill ‘em. If you don’t, get yourself a club or a torch. Beat ‘em or burn ‘em. They go up pretty easy [...] they’re just dead flesh and dangerous.” (*Night Of The Living Dead*, 1968, Romero).

Benjamin Noys (2005) reconhece que, entre 1970 e 1980 -- o momento mais aquecido para os filmes de zumbi -- emerge o conceito de “*Death Motion*”:

Por exemplo, na forma de filmes de zumbi durante os anos 1970 e 1980 (sobretudo na Itália e nos Estados Unidos), encontramos vida nua, a vida entre a vida e a morte como, literalmente, “*Death Motion*” (morte em movimento). No entanto, apesar do horror dessas “criaturas”, elas ainda possuem ação, mesmo que seja apenas a busca e destruição do ser humano. Esses filmes podem muitas vezes ser intencionalmente (como no filme de Dan O’Bannon, *The Return of the Living Dead* 1984) ou involuntariamente divertidos, mas eles ainda fixam em uma inquietação especial moderna: o da vida reduzida a vida nua como um horror absoluto. O recente filme britânico *28 Days Later* (Danny Boyle, UK, 2002) atualiza essas inquietações para o novo milênio. Diz respeito a propagação de um vírus para humanos através da indução de raiva como resultados antivivisseccionistas e assim libertando macacos infectados, produzindo os ‘infectados’. O filme joga com o medo do cruzamento de espécies (depois da AIDS), e os temores de experimentação médica levando a uma catástrofe. Apesar do fato de que o diretor insiste que os ‘infectados’ não são ‘zumbis’, eles obedecem o formato dos filmes de zumbi, exceto que eles exibem uma violência cinética normalmente não associados com o tradicional zumbi “arrastando os pés”. Na verdade, o remaker atual de *A Madrugada dos Mortos* (2004) também retoma este zumbi com movimentos rápidos. Em *28 Days Later* a ameaça é uma das ações de violência e discriminação urbano (as cenas iniciais foram filmadas em Londres), com muita animalidade e selvageria. Vida nua aqui como a indistinção da vida e da morte é cruzada com vida nua como a indistinção de humanos e animais.⁸ (Noys, 2005:63).

⁸ For example, in the fashion for zombie films during the 1970s and 1980s (particularly in Italy and the United States) we find bare life, life between life and death as, literally, ‘death in motion’. However, despite the horror of these ‘creatures’, they still possess agency, even if that is only the pursuit and destruction of human being. These films may often be intentionally (as in Dan O’Bannon’s 1984 film *The Return of the Living Dead*) or unintentionally amusing, but they still fix on a particular modern anxiety: that of life reduced to bare life as an absolute horror. The recent British film *28 Days Later* (Danny Boyle, UK, 2002) updates these anxieties for the new millennium. It concerns the spread to human of a rage-inducing virus as results of antivivisectionists freeing infected monkeys, producing the ‘infecteds’. The film plays on fears of cross-species disease (after AIDS), and fears of medical experimentation leading to catastrophe. Despite the fact that the director insists that the ‘infecteds’ are not ‘zombies’, they obey the form of the zombie film, except that they display a kinetic violence not usually associated with the traditional ‘shuffling’ zombie. In fact, the current remake of *Dawn of the Dead* (2004) also takes up this new rapid-moving zombie. In *28 Days Later* the threat is one of violent agency and urban breakdown (the initial scenes are set in London), perhaps even feral animality. Here bare life as the indistinction of life and death is crossed with bare life as the indistinction of human and animal. (Noys, 2005:63).

Noys constata que a cultura ocidental sempre esteve obcecada com as questões da morte e observa que o século XX testemunhou a produção de corpos desqualificados durante as guerras e o triunfo da tecnologia sobre o corpo humano. Nós vivemos na era do pânico, onde o medo da morte está em qualquer tempo e lugar. Este autor chega inclusive a ampliar a discussão dos filmes de zumbi para questões mais amplas, típicas do gênero “*Body Horror*” – um estilo de filme que aborda o horror entre nós e os outros.

O novo milênio está cercado por vírus letais, pesquisas com uso de animais para novas descobertas, experiências tecnológicas radicais e criam, através da desestabilização radical dos limites do humano, um medo de experiências médicas e ameaças éticas que anunciariam uma possível catástrofe.

Como mencionado anteriormente, o zumbi sempre fez parte da produção cultural humana, reaparecendo constantemente em filmes, em obras literárias, seriados televisivos, quadrinhos, jogos de videogame e outras mídias. E não há nenhum indício de que abandone o cenário midiático atual, uma vez que de acordo com Benjamin Noys (2009), o ser humano parece cada vez mais fascinado pela morte e pelo horror, o que tem instigado a produção da cultura zumbi e os mais curiosos produtos midiáticos.

Como foi rapidamente mencionado no primeiro capítulo, Max Brooks escreveu “*The Zombie Survival Guide: complete protection from the living dead*” (2003) para “ensinar” como sobreviver a um hipotético cenário apocalíptico de zumbis. E se o impensável acontecer? E se os zumbis proliferarem o suficiente para dominar o planeta inteiro?:

Por mais horrível que essa perspectiva soe, lembre-se que os humanos têm vindo a adaptação e reconstrução desde o início de nossa história. Ainda hoje, quando a sociedade parece ter nos amolecido além da redenção, a vontade de sobreviver está profundamente dentro de nossos genes. Ironicamente, em um cenário de pior caso, você pode nunca ver um zumbi. Seu objetivo é criar um microcosmo seguro do mundo, equipado com

tudo que você precisa para não apenas sobreviver, mas manter um bocadinho de civilização.(Brooks, 2003:158).⁹

Mesmo não intencionalmente, Brooks acaba explicitando alguns mecanismos de poder. O discurso político parece clamar em função da proteção da vida, todavia o ataque “à vida” é o que mais se presencia, sugerindo que não se trata de uma política da vida, mas sim de uma política de morte e de um poder sobre a vida. Curiosamente, sempre parece ser “em nome da vida” que se promove toda a violência que presenciamos hoje.

Trata-se, evidentemente, de uma biopolítica¹⁰ que expõe e fragiliza o corpo do cidadão comum, a partir de diversos dispositivos de poder:

“Chamarei literalmente de dispositivos qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. (Agamben, 2009:40).

Ao colocar o zumbi em seu devido “*lugar*”, ao lado de tantos outros monstros, é como se fosse possível tirá-lo da nossa vida. No entanto, a sua versão cotidiana, nem sempre explícita, faz-se presente como a vida nua de seres viventes que são todo o tempo

⁹ As horrifying as this prospect sounds, remember that humans have been adapting and rebuilding since the beginning of our history. Even today, when society appears to have softened us beyond redemption, the will to survive is deep within our genes. Ironically, in a worst-case scenario, you may never even see a zombie. Your goal is to create a safe little microcosm of the world, equipped with everything you will need to not only survive but maintain a modicum of civilization. (Brooks, 2003:158)

¹⁰ O termo “biopolítica” aparece pela primeira vez, na obra de Michel Foucault, em sua conferência proferida no Rio de Janeiro em 1974 e intitulada “O nascimento da medicina sócia”. Segundo o autor, o capitalismo não teria acarretado, como se poderia pensar, uma privatização da medicina, mas ao contrário, uma socialização do corpo. “Para a sociedade capitalista, é o biopolítico que importava antes de tudo, o biológico, o somático, o corporal. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. Dois anos depois, reencontramos a mesma expressão num contexto mais amplo, tanto no último capítulo de *A Vontade do Saber*, intitulado “Direito de morte e poder sobre a vida”, publicado em 1976, como na aula ministrada no Collège de France em março do mesmo ano, publicada posteriormente como *Em defesa das sociedades*. Nesse textos, que podem ser tratados conjuntamente pois se entrecruzam, Foucault situa a biopolítica no interior de uma estratégia mais ampla, que ele denomina de “biopoder”. E ao diferenciar biopoder do poder de soberania ao qual ele sucede historicamente, insiste sobretudo na relação distinta que entretém, cada um deles, com a vida e a morte: enquanto o poder soberano *faz morrer e deixa viver*, o biopoder *faz viver e deixa morrer*. Dois regimes, duas lógicas, duas concepções de morte, de vida, de corpo. (Pelbart, 2003:55).

desqualificados, até chegar aos limites da sua humanidade. Como explica Agamben, talvez seja mais urgente ao invés de discutir o pós-humano, ficarmos atentos para o sub-humano. Como pontua Benjamin Noys:

“Nossa fascinação constante com a morte é algo a ser analisado, em vez de celebrado, e este trabalho é uma contribuição para uma análise crítica”¹¹ (Noys, 2005: 6).

Neste sentido também é interessante notar como o zumbi se torna cada vez mais um objeto de consumo e de espetacularização. A partir do momento que é incluído nesta categoria torna-se mais difícil profaná-lo.

“Hoje morre-se em quinhentos e cinquenta e nove leitões. Produção em série, naturalmente. E numa produção dessas não se executa tão bem a morte individual, mas também isso é coisa que pouco importa. O que interessa é a quantidade. (Agamben. 2008:78).

¹¹ Our ongoing fascination with death is something to be analysed rather than celebrated, and this work is a contribution to that critical analysis. (Noys, 2005:6).

CONCLUSÃO

COMO A PESQUISA ABRE NOVOS CAMINHOS

“They’re coming to get you, Barbara, there’s one of them now!”¹² é dessa maneira que Johnny, irmão de Bárbara, nas primeiras cenas do filme *A Noite dos Mortos Vivos* assusta a sua irmã com uma arrepiante entonação nas suas palavras.

Depois dessa citação e das indagações propostas por Benjamin Noys, fica claro que os excessos da morte estão cada vez mais presentes nos nossos costumes do dia-a-dia.

“Se a morte é tão tabu como podemos então explicar o fato de que a mídia continua a dar-nos uma representação cada vez mais explícita da morte?”¹³(Noys, 2005:01)

O teórico francês Paul Virilio (b. 1932) chamou o século XX de século de *‘mass production of corpses’*. Mas o que dizer do século XXI?

Através da evolução do personagem zumbi, lidar com vida e morte no sentido cotidiano e/ou imaginário, tornou-se um fenômeno epidêmico e mundial. O tempo da morte (do morto-vivo e do vivo-morto) criou metáforas que colocam em cheque muitos limites, como tem explicado Agamben, ao expor como a vida é precária diante de mecanismos de poder que a redefinam incessantemente.

Essa exposição está em todos os ambientes, sejam eles redes sociais, meios de comunicação de massa ou nas próprias metrópoles, uma vez que a cultura zumbi está também nas ruas, como performances cotidianas, eventos, feiras, festas e assim por diante.

¹² “Eles estão vindo para você, Barbara, existe um deles agora!”

¹³ Also If death is so taboo then how do we account for the fact that the media continues to give us increasingly explicit representation of death?

André Sollito repórter da Revista Época, coloca bem nossa relação com o zumbi:

“Talvez o grande poder de um monstro tão desprovido de personalidade seja retratar nossa impotência em períodos de crise”. (2011 edição 665)

Nesse sentido, o personagem zumbi encontra-se em diferentes encruzilhadas. Ele vive entre a vida e a morte, entre a vida de um sujeito reconhecido na sociedade e a vida dos banidos, entre a banalização da morte e a sua exposição, entre a ficção e a realidade. Ele vive entre essas instâncias e nas zonas de distinção que garantem a sua indiscernibilidade. Isso porque, não raramente, aquele que aparece nos shows e nas telas como personagem é reconhecido na rua. Sem qualquer caracterização, mas como representante da vida precária que míngua diante de todos nós.

É este zumbi que sempre me interessou estudar. Aquele que caracteriza um estado de vida por um fio.

A cultura zumbi, apresentada no primeiro capítulo, é muito diversa, migrando entre diferentes redes e apresentando inversões de papéis e representações. Quem poderia imaginar uma moda zumbi há algumas décadas atrás?

Não coube a esta pesquisa analisar a linguagem dos filmes de Romero ou esmiuçar a diversidade de exemplificações das versões dos zumbis pops. Durante os dois anos de estudo, o que pareceu mais importante, foi explicitar como em algumas circunstâncias, o zumbi é a metáfora da vida precária. Neste sentido, esse é apenas um primeiro passo para uma discussão política mais profunda, apenas tangenciada por autores como Benjamin Noys e que pode ser desenvolvida em futuros projetos, no formato acadêmico ou artístico.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios, Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. Homo Sacer: Poder Soberano e Vida Nua, Belo Horizonte: UFMG, 2010.

_____. O que resta de Auschwitz Homo Sacer III, São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

_____. Estado de Exceção

_____. Profanações, São Paulo> Boitempo Editorial, 2008.

AMORIM, Claudia e GREINER, Christine. Leituras do Corpo. São Paulo. Annablume, 2003.

_____. Leituras do Sexo. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. Leituras da Morte. São Paulo: Annablume, 2007.

AGRA, Lucio. Monstrutivismo: reta e curva das vanguardas. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BLAKESLEE, Sandra e RAMACHAMDRAM, M. D.. Phantoms in the Brain. New York: Harper Perennial, 1998.

BROOKS, Max. The Zombie Survival Guide - Complete Protection from the Living Dead. New York: Three Rivers, 2003.

_____. World War Z, An Oral History of the Zombie War. New York: Three Rivers, 2006.

CHALMERS, David J. The Conscious Mind, In Search of a Fundamental Theory. Oxford: Oxford University Press, 1996.

CALLARI, Alexandre. Apocalipse Zumbi: os primeiros anos. São Paulo: Évora, 2011.

DARWIN, Charles. A Origem das espécies: Por meio da Seleção Natural ou A Preservação das Raças Favorecidas na luta pela Vida. São Paulo: Escala, 2009.

DERRIDA, Jacques. The Work of Mourning. Chicago: The University of Chicago, 2001.

GONÇALO, Junior. Enciclopédia dos monstros. São Paulo: Ediouro, 2008.

- GREINER, Christine. *Butô Pensamento em Evolução*. São Paulo: Escrituras, 1998.
- _____. *O Corpo*. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____. *O corpo em Crise: novas pistas e o curto-circuito das representações*. São Paulo: Annablume, 2010.
- KATZ, Helena. *Um, Dois, Três: a dança é o pensamento do corpo*. Belo Horizonte: FID Editorial, 2005.
- KIRKMAN, Robert e MOORE, Tony. *The Walking Dead*. Califórnia: Image Comics, Inc, 2009.
- LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial: Formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Cultura – Mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Lisboa/Portugal. Edições 70, LDA, 2010.
- MURAKAMI, Takashi. *LITTLE BOY - The Art of Japan's Exploding Subculture*. New York: Japan Society, 2005.
- NELSON, Michael. A. *28 Days Later: London Calling*. Los Angeles. Boom! Studios, 2009.
- NOYS, Benjamin. *The Culture of Death*. New York: Berg, 2005.
- PINGET, Maurice. *A morte voluntária no Japão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- ROACH, Mary. *The Curious Lives of Human Cadavers*. New York: Norton Paperback, 2003.
- ROFF, Don. *Zombies*. San Francisco: Beckerandmayer, 2009.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SILVA, Juremir Machado da. *O que pesquisar quer dizer: Como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES*, Porto Alegre: Sulina, 2010.
- SOTANG, Susan. *Diante da Dor dos Outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FILMOGRAFIA

- Arquitetura de Destruição* (1994), Direção Peter Cohen, Coleção Cult Filmes.
- Astro Zombies* (1969), Direção Ted V. Mikels, USA: Image Entertainment.
- Document of the Dead* (1979/89), Direção Roy Frumkes, USA: Synapse Films, Inc.
- Dawn of the Dead* (1979), Direção George A. Romero, USA: Anchor Bay Entertainment.
- Day of the Dead* (1985), Direção George A. Romero, USA: Anchor Bay Entertainment.
- Day of the Dead* remaker (2007), Direção Steve Miner, USA: Firstlook Studios.
- Ensaio sobre a Cegueira* (2008), Direção Fernando Meirelles, USA: Fox Films.
- Epidemia de Zumbis* (1990), Direção John Gilling, Londres: London Films.
- Fome Animal* (1992), Direção Peter Jackson, Nova Zelândia: Alpha Films.
- Memory of The Camps* (1945), Direção Allied forces, Published in UK and Goethe-Intituts.
- Night of The Living Dead* (1968), Direção George Romero, USA: Clássicos do Horror.
- Night of the Living Dead* remaker (1990), Direção George A. Romero, USA: Columbia Pictures.
- Nightmare City* (1980), Direção Umberto Lenzi, USA: Blue Underground.
- O Lago dos Zumbis* (1981), Direção Jean Rollin, França: Eurofilmes
- Oasis dos Zumbis* (1981), Direção Jesus Franco, França: Eurofilmes.
- O Fantasma do Futuro* (1995), Direção Mamoru Oshii, Japão: Flash Star Home Vídeo.
- Os Mortos Vivos* (1990), Direção Gary A. Sherman, USA: Europa Filmes.
- Onechanbara Bikini Samurai Squad* (2008), Direção Yohei Fukuda, Japão: Tokyo Shock.
- Shock Waves* (1976), Direção Ken Wiederhorn, USA: Blue Underground.
- The Crazies* (1973), Direção George A. Romero, USA: Blue Underground.
- The Evil Dead* (1981), Direção Sam Raimi, USA.
- The Return of the Living Dead* (1984), Direção Dan O'Bannon, USA: Metro-Goldwyn-

Mayer Studios Inc.

The Walking Dead (2010), Seriado da TV, Direção Frank Darabont, USA: AMC.

Tokyo Zombie (2005), Direção Sakichi Sato, Japão: Manga a Starz Company.

WildZero (2000), Direção Tetsuro Takeuchi, Japão: Synapse films.

Zombie 2 (1979) Direção Lucio Fulci, USA: Shrick Show.

PÁGINAS DA INTERNET

<http://www.hollywood-is-dead.com/> (página visitada em Outubro de 2010).

http://en.wikipedia.org/wiki/Max_Brooks (página observada em Abril de 2010), Wikipédia sobre Max Brooks.

<http://www.houseofhorrors.com/night68.htm> (página observada em Abril de 2010) página sobre o filme *The Night of the Living Dead* com textos sobre o filme e George Romero.

<http://www.youtube.com/watch?v=9mIBKifOOQQ> (vídeo promocional da marca de cosméticos DermaBlend Go Beyond The Cover, com o modelo Zombie Boy (Rock Genest))